

ABORDAGENS EM AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR

Régis de Araújo Pinheiro
Efigênia Rocha Barreto da Silva
Evandro de Oliveira Lucas
Marina Augusta Tauil Bernardo
Diulie Fernanda Almansa da Costa
Francieli Aparecida Zenatti
Rodrigo Simão Camacho



Editora
MultiAtual

ABORDAGENS EM AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR

Régis de Araújo Pinheiro
Efigênia Rocha Barreto da Silva
Evandro de Oliveira Lucas
Marina Augusta Tauil Bernardo
Diulie Fernanda Almansa da Costa
Francieli Aparecida Zenatti
Rodrigo Simão Camacho



Editora
MultiAtual

© 2021 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Autores

Régis de Araújo Pinheiro
Efigênia Rocha Barreto da Silva
Evandro de Oliveira Lucas
Marina Augusta Tauil Bernardo
Diulie Fernanda Almansa da Costa
Francieli Aparecida Zenatti
Rodrigo Simão Camacho

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/MultiAtual

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A154 Abordagens em Agroecologia e Agricultura Familiar
/ Régis de Araújo Pinheiro, Efigênia Rocha Barreto da Silva, Evandro de Oliveira Lucas, et al. –Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021. 65 p.: il.

Outros Autores:

Marina Augusta Tauil Bernardo
Diulie Fernanda Almansa da Costa
Francieli Aparecida Zenatti
Rodrigo Simão Camacho

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-995169-3-1

DOI: 10.5281/zenodo.5160076

1. Agroecologia. 2. Agricultura Familiar. 3. Abordagens. I. Pinheiro, Régis de Araújo. II. Silva, Efigênia Rocha Barreto da. III. Lucas, Evandro de Oliveira. IV. Título.

CDD: 630

CDU: 63

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Autores

**RÉGIS DE ARAÚJO PINHEIRO
EFIGÊNIA ROCHA BARRETO DA SILVA
EVANDRO DE OLIVEIRA LUCAS
MARINA AUGUSTA TAUIL BERNARDO
DIULIE FERNANDA ALMANSA DA COSTA
FRANCIELI APARECIDA ZENATTI
RODRIGO SIMÃO CAMACHO**

APRESENTAÇÃO

A globalização vem reestruturando a economia e produção agropecuária brasileira, fazendo com que seja criado um novo modelo econômico, técnico e social de produção.

Assim, a obra “Abordagens em Agroecologia e Agricultura Familiar” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos das áreas da Agroecologia e Agricultura Familiar, bem como a sua grande importância para o mundo globalizado, aliados às temáticas das práticas ligadas a sustentabilidade, a inovação, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 A HERANÇA DEIXADA POR UM AGRICULTOR GUARDIÃO DE SEMENTES <i>Régis de Araújo Pinheiro</i>	8
Capítulo 2 EVIDENCIANDO AS TROCAS E SINGULARIDADES <i>Efigênia Rocha Barreto da Silva</i>	24
Capítulo 3 DIVERSIFICAÇÃO, SEMENTES CRIOULAS E MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES: ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA GUARDIÃ DE SEMENTES CRIOULAS DO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO SUL - RS <i>Evandro de Oliveira Lucas; Marina Augusta Tauil Bernardo; Diulie Fernanda Almansa da Costa</i>	33
Capítulo 4 PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS E SABERES-FAZERES: OS CAMPONESES GUARDIÕES DE SEMENTES NO ASSENTAMENTO SÃO JUDAS, RIO BRILHANTE – MS, BRASIL <i>Francieli Aparecida Zenatti, Rodrigo Simão Camacho</i>	47
Biografias CURRÍCULOS DOS AUTORES	63

Capítulo 1

**A HERANÇA DEIXADA POR UM
AGRICULTOR GUARDIÃO DE
SEMENTES**

Régis de Araújo Pinheiro

A HERANÇA DEIXADA POR UM AGRICULTOR GUARDIÃO DE SEMENTES

Régis de Araújo Pinheiro

Universidade Federal de Pelotas – Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar; regispinheiroagro@gmail.com;

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo salientar os importantes reflexos do ato de conservar as sementes crioulas pelos agricultores guardiões. Utilizou-se de uma pesquisa qualitativa e participativa cuja técnica de pesquisa foi a conversa, com objetivo de dar vez e voz a esses atores por meio de suas narrativas. O recorte de pesquisa é a história de vida de um agricultor guardião de sementes de cebola crioula. Tal processo narrado pelos atores-autores permite concluir que em um primeiro momento a atitude de conservar as sementes está ligada a repetição das práticas cotidianas por meio de repetição e que posteriormente assumem determinados significados e simbolismos que são demonstrados e transmitidos por uma dada “autoridade”. Ao repassarem suas atitudes, simbolismos, percepções, práticas e atitudes de como, quando, por que, manter, conservar e selecionar as sementes crioulas ocorre a transmissão e a evolução dos aspectos culturais. Logo, um guardião nunca morre, pois suas sementes serão sempre repassadas.

Palavras-chave: herança cultural, sementes crioulas, guardião de sementes, cultura, saber popular.

Abstract

This work aims to highlight the important reflexes of the act of conserving Creole seeds by guardian farmers. We used a qualitative and participatory research whose research technique was conversation, with the objective of giving these actors a voice and voice through their narratives. The research clipping is the life story of a farmer who guarded Creole onion seeds. Such a process narrated by the actor-authors allows us to conclude that, at first, the attitude of conserving the seeds is linked to the repetition of daily practices through repetition and that later assume certain meanings and symbolisms that are demonstrated and transmitted by a given “authority” . When reviewing their attitudes, symbolisms, perceptions, practices and attitudes of how, when, why, maintain, conserving and selecting creole seeds, the transmission and evolution of cultural aspects occurs. A guardian never dies because his seeds will always be passed on.

Keywords: cultural heritage, creole seeds, seed guardians, culture, popular knowledge .

Introdução

Ao nos atentarmos para o processo de evolução da espécie humana, percebemos que o surgimento da agricultura configurou uma das maiores respostas adaptativas da nossa espécie, a qual reconfigurou todo o modo de vida. Embora ainda haja muitas comunidades que realizam a coleta de alimentos, a agricultura teceu novas relações entre ser humano e natureza.

Ao passo que o ser humano deixa de ser nômade para tornar-se sedentário e, portanto, cultivar seus alimentos, guardar as sementes era condição mais do que necessária para obter futuramente os alimentos. Nesse tempo de emergência da “Proto-agricultura” emerge forjado pela necessidade de sobrevivência da nossa espécie e por uma forma de adaptar-se ao meio o “Protoguardião” de sementes, termo inspirado na acepção de (MAZOYER; ROUDART 2010).

Embalados pelos pressupostos da ciência moderna que norteou os princípios das Revoluções Verdes, os quais deslocaram as relações que a espécie humana estabelecia com a natureza, bem como julgou como atrasados os saberes dos povos e comunidades tradicionais, o ato de conservar as próprias sementes fora visto como inviável tais pressupostos, visto que, o modelo dito moderno necessitava romper com a autonomia dos povos e gerar a submissão por meio da compra de suas sementes “modernas”, as quais apresentavam-se sob a alcunha de Variedades de Alto Rendimento (SHIVA, 2003).

Os processos anteriormente citados culminaram no abandono das práticas dos agricultores tradicionais de selecionar suas sementes, bem como gestou o princípio das erosões genéticas, estreitamento da base genética alimentar da população humana, fome, insegurança alimentar e êxodo rural. No entanto, em um movimento de resistência, muitos agricultores seguiram mantendo suas sementes tradicionais ou crioulas. Tal movimento emerge pela menor adaptabilidade das Variedades de Alto Rendimento aos agroecossistemas desses atores, bem como pela consciência de muitos agricultores em não se submeter a tal processo. Atualmente, esses agricultores são denominados Guardiões de Sementes Crioulas (PINHEIRO, 2018).

Os processos norteadores da ciência moderna e da Revolução Verde chegam aos mais longínquos rincões e não foi diferente com a pequena cidade de São José do Norte, localizada no litoral do Rio Grande do Sul, em uma estreita faixa de terra

que emergiu de movimentos de regressão e transgressão do mar e fez surgir a Laguna dos Patos.

A referida cidade teve na produção de cebolas o fluxo de desenvolvimento agrícola, bem como chegou a ser uma das maiores produtoras da hortaliça nacionalmente, bem como a qualidade de suas cebolas foi reconhecida mundialmente com o título de Melhor Cebola do Mundo, em uma época na qual os agricultores ainda selecionavam suas sementes. No entanto, tais princípios deslocaram a arte de selecionar as sementes e os agricultores passaram a comprar suas sementes. As variedades locais foram perdidas e as cebolas de São José do Norte perderam a sua identidade. Apesar disso, um agricultor seguiu o processo de resistência e por meio de um movimento de oposição ao fluxo “modernizador” permaneceu com a sua semente de cebola.

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar os processos que levou o agricultor a manter sua semente de cebola, por meio de uma análise dos cotidianos da família guardiã de sementes pesquisadas e o que herdaram seus filhos.

Metodologia

O presente trabalho utiliza uma metodologia qualitativa e participativa que busca dar voz aos participantes da pesquisa, permitindo maior engajamento do pesquisador na realidade investigada, o que lhe dá condições para uma compreensão profunda dos processos existentes e dos sentidos produzidos pelos sujeitos na relação com o conhecimento e as significações produzidas pelo agricultor, ou seja, é tornar o agricultor participante e pensante ativo do processo de pesquisa.

Como técnica de pesquisa, utilizou-se as conversas, visto que a abordagem por meio dos cotidianos, tem nas conversas uma atitude política que permite aproximar o pesquisador dos *participantespensantes* da pesquisa. As conversas são os lócus centrais nas pesquisas com os cotidianos (ALVES e ROSA, 2015, p. 198). As conversas permitem ir além do que geralmente é abordado em uma entrevista, pois permite ao pesquisador produzir “com os sujeitos e suas vozes em um movimento dinâmico, rizomático, imprevisível”. “Um lugar de encontro onde os sujeitos possam reinventar a si e a suas realidades por meio da palavra compartilhada”. (SERPA, 2010, p. 2).

Consideramos que as conversas, relatos, acontecimentos permitem desbravar as experiências de vida encravadas nos recônditos das memórias desses atores, as quais contribuem com informações e significados riquíssimos que aproximam o pesquisador com o ambiente e objeto de pesquisa e o faz sentir as emoções, sensações, angústias, lutas e anseios desses *participantes pensantes*.

A fim de responder o objetivo desse artigo, utiliza-se como referenciais teóricos trazidos pelos cotidianistas do campo do currículo em Educação, o processo de evolução dos sistemas agrários, agroecologia e guardiões de sementes e cultura, conforme podem ser encontrados em (ALVES, 2012; FERRAÇO, 2011; GLIESSMAN, 2000; MAZOYER; ROUDART, 2010 BEVILAQUA et al. 2014; BRUNER, 2001; DAWKINS, 1976 PINHEIRO; DEMENECH, 2017).

A opção da escolha dessa única família agricultora guardiã de sementes, deve-se ao fato ocorrido durante a Abertura da Colheita da Cebola do ano de 2015, onde o agricultor foi agraciado com uma homenagem por ser o único agricultor de São José do Norte a manter a semente de cebola tradicional do município. Utilizou-se de questões norteadoras a respeito da manutenção da variedade crioula, como era o processo de seleção, o que fora ensinado aos filhos, entre outras.

Com o consentimento dos participantes pensantes dessa pesquisa, as conversas foram gravadas com auxílio de um celular.

Resultados e discussões ou Desenvolvimento

Conforme já fora dito, o referido município ocupou um lugar de destaque na cebolicultura nacional e internacional. Sagrava-se como o maior produtor de cebolas do Brasil bem como lisonjeava-se pela qualidade de suas cebolas, visto que seu produto obteve na Espanha, durante o ano de 1922 no Festival da Palma de Ouro, o título de Melhor cebola do Mundo, conforme mostra GUIA INFORMATIVO DA FESTA NACIONAL DA CEBOLA em São José do Norte, do ano de 1972. O referido documento mostra em sua capa a frase: “capital mundial da cebola”, sendo que na página 6 a seguinte citação: “*São José do Norte ocupa o primeiro lugar na produção de cebola quer em quantidade, quer em qualidade, constituindo-se no maior produtor de cebola do mundo*”.

O mesmo informativo relata que o 1º Simpósio Nacional da Cebola foi realizado em no período de 31 de Janeiro a 3 de Fevereiro de 1972 e durante o mesmo, ocorreu a 4ª FENACE, Festa Nacional da cebola. Os presentes trabalhos apresentados e as conferências realizadas durante o evento constituíram os ANAIS DO 1º SIMPÓSIO NACIONAL DA CEBOLA.

Atualmente o município não ocupa mais o lugar de destaque, a emergência de novas zonas produtoras como Santa Catarina, Minas Gerais e Goiás ajudaram a promulgar o desfecho implementado por uma lógica que se transformou da diversificação de culturas para a alimentação da família para a ênfase na monocultura da cebola em unidades de produção agrícolas com pequena extensão de terra e mão de obra familiar. Dessa forma, os menores retornos econômicos, a perda da qualidade das cebolas, visto que a prática de selecionar as sementes foi relegada e os agricultores passaram a comprar variedades oriundas de outros Estados, as quais não são adaptadas a região também contribuíram para o desfecho, a promulgação do maior índice de urbanização do Estado do Rio Grande do Sul durante a década de 90.

As conversas, infelizmente, não puderam ser tecidas com seu Wilson, visto que há alguns anos foi acometido por um Acidente Vascular Cerebral (AVC) o que lhe fez perder a fala e os movimentos das pernas, mas manteve um olhar de quem em suas memórias relembra o passado, um olhar profundo, contemplativo.

No ambiente de pesquisa, estivemos na casa de seu Wilson por diversas vezes, sendo que em uma dessas um dos seus filhos trouxe dois exemplares de sua cebola e as entregou ao pai, as mãos tremulas prontamente se estenderam para alcança-los. Ligeiramente, suas mãos passaram a massageá-los tal como um pai acaricia um filho. A tamanha destreza como tal massagem eliminou os catafilos externos do bulbo e fez brotar a coloração vermelha intensa e brilhante, característica de sua variedade. Seu Wilson eleva os bulbos com as mãos a altura de seus olhos e os olha novamente e nesse momento, seu semblante paulatinamente parece ficar iluminado. Seu olhar já não é mais um olhar clínico, interpretativo como anteriormente fora, mas sim de satisfação. Satisfação porque todas as características que almejou em uma variedade de cebola conseguiu fixar.

Essa passagem com seu Wilson foi o prenuncio de que estávamos frente a frente, cara a cara, com um saber institucionalizado pelas vivências do seu cotidiano, a um portador de uma cultura que apesar do tempo e de algumas ditas evoluções insistirem em apagar, falo aqui dos velhos agricultores guardiões de sementes crioulas

de cebola que forjavam suas variedades em parceria com o ambiente, tal processo é desacelerado quando uma variedade crioula é mantida, uma vez que essa permite o curso evolutivo da cultura desses atores. Restava-nos descobrir se os saberes, a cultura, as percepções foram transmitidas aos seus filhos

Em tempos de outrora, havia três variedades de cebolas na região de pesquisa, as quais eram derivadas de variedades portuguesas conhecidas como baia e garrafal, sendo que essas apresentavam o formato elíptico, pera e em forma de disco, bem como um outro grupo conhecido como “crioulinha” que apresentava forma esférica e de coloração vermelha-intensa. A variedade de cebola de seu Wilson estava inserida no grupo pera, e apresentava em sua origem alguns fenótipos de coloração branca, roxa e baia emergiam de seus cruzamentos, no entanto, o agricultor e sua família prezava pelo formato esférico, bom empalhamento, talo fino e a coloração vermelho-pinhão. Logo esse era o mundo daqueles atores, a obtenção de uma cebola diferenciada para ofertar no mercado com a finalidade de maior durabilidade no pós-colheita, o que proporcionaria a esses ofertar a cebola em diferentes épocas de comercialização e aliado a qualidade almejar melhores preços de venda e por conseguinte, gerar retornos financeiros satisfatórios e prover melhor sua família.

A localidade na qual está inserida a propriedade rural da família é Costa do Oceano, sendo que para chegar em tal local é necessário deslocar-se pela beira mar e cruzar as dunas de areia. Saliento que há uma interação especial desses agricultores que fixaram suas moradias a beira mar. O solo extremamente arenoso fez com que esses atores forjassem adaptações, bem como seus animais e vegetais. Tal processo consagra a coevolução das espécies o que não fora diferente com tal variedade crioula de cebola. A boa cerosidade foliar, a coloração castanha escura, o brilho, o bulbo globular é algo que chama a atenção de qualquer pessoa, aliado a tais características estão a produtividade em solos extremamente pobres em fertilidade, os quais os agricultores tecem percepções de que “o solo a gente faz”, e a durabilidade no período ós colheita.

A cebola caracteriza-se por ser uma planta bienal, ou seja, do plantio da semente até a obtenção de uma nova semente são necessários dois anos. Em síntese, o primeiro ciclo, o primeiro ano, ocorre a germinação e emergência da semente e a formação do bulbo, e o segundo ciclo, o segundo ano, é caracterizado

pelo plantio do bulo que emitirá a inflorescência a qual proporcionará colher as sementes.

A partir do momento em que ocorreu o enlace matrimonial de Seu Wilson com sua esposa, o casal fixou residência na localidade anteriormente citada, saliento que no ano de 2019 o casal completou 66 anos de casados, fato que nos faz estimar que a variedade crioula de cebola da família está sendo selecionada por tal período de tempo.

As famílias que se localizavam no espaço rural de São José do Norte caracterizavam-se por serem numerosas, o que não foi diferente com a família pesquisada. O casal tivera 10 filhos e a medida em que os filhos cresciam seu Wilson repassava seu conhecimento a cada filho. O pai mostrava fenotipicamente como deveria ser uma cebola perfeita para cada filho que passaria a selecionar de acordo com as características demonstradas, posteriormente, após conferir a seleção de cada filho.

Por meio da arte de demonstrar e narrar como deveria ser uma cebola perfeita, seu Wilson buscava nos recônditos de sua memória e organizava seus conhecimentos, significações e simbolismos que foram construídos, evoluídos e elaborados durante a sua trajetória de vida e constituíam a sua sabedoria e conhecimento. Nesse aspecto, as relações ativas que o indivíduo estabelece com o ambiente em que está inserido estão diretamente relacionadas com a maneira que o ser humano apreende tal realidade e a linguagem apresenta-se como a principal forma pela qual a realidade é repassada e apreendida, pois é através dessa que os indivíduos demonstram as suas representações (BRUNER, 2001).

Richard Dawkins em seu livro “O Gene egoísta” mostra que os genes são moléculas replicadoras que encontramos em nosso planeta, além disso, o autor expõe que há um novo tipo de replicador que começa a tecer uma mudança evolutiva com uma velocidade muito maior do que a evolução ocasionada pelo gene. Tal replicador o autor denominou de *meme*, o qual se classifica como ideias, “slogans”, até mesmo a moda e as maneiras de fazer e construir arcos.

No pensar de Dawkins, os genes são repassados de corpo para corpo por meio de óvulos e espermatozoides, enquanto, os *memes* são repassados de cérebro para cérebro por meio de processos como a imitação. “Um “meme de ideia” pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro.” “O

meio de transmissão é a influência humana de vários tipos, a palavra escrita e falada, o exemplo pessoal e assim por diante” (DAWKINS 1976).

Associamos ao que fora mencionado anteriormente o pensar de Pinheiro (2018) que caracteriza a semente crioula como o mínimo de matéria com o máximo de energia, bem como impregnada de simbolismos, saberes, percepções, atitudes e ações que são tecidas pelos agricultores em seus cotidianos rurais, conceito que também é elaborado pelo autor. Logo, as sementes crioulas são esse meio de transmissão e influência, visto que o guardar e conservar uma semente crioula expressa-se por uma íntima relação que é tecida nos cotidianos rurais desses atores, onde não é somente uma semente que é conservada, compartilhada, mas sim significações, simbolismos, ações, atitudes, percepções e práticas (PINHEIRO, 2018).

Nesse processo, os olhares, percepções, saberes e as ações de seu Wilson foram repassados a seus filhos, os quais selecionavam conjuntamente com seu pai as características desejadas para obter a sua variedade de cebola. Logo, constata-se que há um processo de transmissão do conhecimento, das percepções e saberes que é gestado pela presença da sua semente crioula de cebola e pelo diálogo, fato que iremos detalhar mais adiante. Ao passo que, uma vez deslocada do processo, a semente crioula não continuaria a forjar tal transmissão, e nesse caso não só o recurso genético seria perdido, mas também todos os significados simbólicos, percepções, atitudes, ações que são transmitidos, repassados e que estão em um processo evolutivo.

Relato que, após seu Wilson ao se casar com a senhora Wandira, ambos foram morar onde até hoje permanece a propriedade rural da família, a renda principal da família sempre foi à cultura da cebola, mas também cultivavam os mais diversos gêneros alimentícios e criavam animais. Aliado as dificuldades encontradas pela família agricultura surge a variedade de cebola, que começou a ser selecionada primeiramente por seu Wilson e sua esposa, e à medida que os filhos nasciam e cresciam, o conhecimento do pai foi sendo repassado para cada um.

O pai mostrava para cada filho como deveria ser uma cebola ideal, e cada filho passava a selecionar uma quantidade de bulbos para a produção de semente, após o pai fazia uma nova seleção em conjunto com cada filho, mostrando e perguntando o porquê de selecionar tais características encontradas naquele bulbo, ou seja, confrontando os saberes e as intuições. Vale salientar, que tal processo era

e continua a ser feito analisando um bulbo por vez, o que estabelece uma alta pressão de seleção.

Nesse aspecto podemos afirmar que quem produz uma semente crioula, produz uma semente recheada de histórias, histórias de vidas e que se entrelaçam, ou seja, é impossível contar a história da família sem contar a história da variedade crioula e vice-versa. Além disso, o ato de conservar e compartilhar as sementes crioulas podem ser caracterizadas na transmissão de um *meme*, ou um simbolismo, conforme o pensar de Dawkins, Em síntese, os *memes*, as ideias, os simbolismos que estavam nos recônditos da memória de Seu Wilson foram transmitidos por meio das narrativas a seus filhos e esposa, os quais repassaram, durante as conversas de pesquisa a nós.

Na narrativa de sua esposa, salienta que seu Wilson ficava durante horas olhando, analisando um bulbo de cebola, *“aquilo tinha que ser perfeito, uma uva! Eu mesmo às vezes ia ajudar ele, e para ele se tivesse uma rachadurinha mínima na casca da cebola, ele já tirava fora, se tivesse uma raiz fora do lugar ele tirava também. O Wilson selecionava essa cebola desde 1956, ou até mesmo antes”* (PESQUISA DE CAMPO 2019, Agricultora e Esposa).

Um dos filhos traz a importante contribuição em relação ao modo de como o seu Wilson procedia em seu cotidiano. *“O pai gostava muito de fazer experiência, viva testando isso, aquilo. Ele teve a capacidade de uma vez trazer uma caçamba de barro vermelho¹ e colocar em umas áreas da lavoura onde dava aquela tristeza na cebola. A lavoura era sempre cheia de estacas, por causa das experiências dele”* (PESQUISA DE CAMPO 2019, Filho 3, Agricultor).

Um fator importantíssimo que contribui para a pesquisa, com o fato de salientarmos como eram as percepções de Seu Wilson e o que ele almejava obter como as características ideais para uma variedade de cebola podem ser percebidas por meio da narrativa do filho.

“A cebola do pai não tinha muita rama. A rama não fechava o espaçamento entre canteiros, como essas que hoje se têm por aí. Era uma rama pequena. Ele dizia que quanto mais fino o talo (pescoço) menor a chance de criar casca d’água, ou camisa d’água, só que ficava aquela rama pequena e aquela cebola grande e redonda

¹ Os solos da localidade em que se encontra a propriedade rural da família caracterizam-se por ser extremamente arenosos, no entanto, solos mais argilosos podem ser encontrados no interior do município, local onde não ocorria a doença denominada pelos agricultores como tristeza.

debaixo da terra, e isso prejudicava muito na época de amarração, para fazer os molhes². Como a cebola ficava enterrada, no processo de arranquio, aquela rama fina arrebetava e isso prejudicava para fazer os molhes e depois as réstias, já que naquela época toda a cebola era enrestada ou em molhes, logo, as cebolas soltas, sem rama não tinha valor de mercado porque não poderiam compor a réstia. Então o pai vendo isso, conseguiu com o passar do tempo aumentar o tamanho da rama, só observando e selecionando. Ele voltou a selecionar na lavoura, aquelas que tinham maior tamanho de rama e diâmetro de talo.” “Aliás, muita gente vinha aqui e pedia a cebola do pai, pesquisadores sabe, e o pai dava porque ele tinha esse problema, do talo ser fino. Eles diziam que pesquisariam e depois trariam os resultados, mas esses nunca chegaram.” (PESQUISA DE CAMPO 2019, Filho 3, Agricultor).

Bruner nos explica algo que poderia ir ao encontro do pensamento de Seu Wilson, ao mostrar o conceito de habilidade, havia uma habilidade em construir as pirâmides do Egito antes mesmo de surgir uma teoria mecânica, a habilidade não é uma teoria que instrui a ação, mas sim uma forma de lidar com as coisas e não uma derivação de uma dada teoria, no entanto, o conhecimento de uma dada teoria pode proporcionar uma melhoria nas nossas habilidades. Seu Wilson não conhecia a teoria genética, mas tinha a habilidade, o dom, e um saber enxergar o seu mundo. Embasado pela necessidade de sobrevivência sua e dos seus em conjunto com suas habilidades e, sem a ajuda daqueles que conheciam as teorias, continuou a busca por uma variedade que apresentasse um maior diâmetro de pescoço, para que dessa forma suas cebolas pudessem compor os molhes e réstias.

Além disso, na narrativa do filho, pode-se constatar um outro fator. A busca incansável pela forma redonda, semelhante a uma bola de bilhar. *“Aqueles que também tinham o formato meio de pera, eram excluídas na hora! O pai dizia que a cebola tinha que ser bem redonda, por que era melhor para a dona de casa cortar.”*

Um dos primeiros filhos do casal relata que *“...o pai dizia que a cebola tinha que ser uma bola, bem redonda, para que a Dona de casa quando fosse cortar, tivesse um melhor aproveitamento da cebola, porque assim ficava mais fácil dela cortar a raiz e a rama, já que nas cebolas tipo Pera, a raiz geralmente fica mais para dentro da cebola, fazendo com que a dona de casa perdesse uma certa quantidade*

² Aglomerado de cebolas mais ou menos 25 cabeças), que eram amarrados em conjunto, para serem transportadas da lavoura até os varais, geralmente de taquara, onde eram armazenadas nos galpões.

de cebola ao cortar, ocasionando assim num menor aproveitamento” (PESQUISA DE CAMPO 2019, Filho 3, Comerciante).

A narrativa dos processos e os simbolismos mencionados pelos filhos pode ser constatado pela participação desses nos processos de seleção das variedades, visto que os filhos estavam presentes com o pai durante os processos que se estabeleciam para a seleção. Em síntese, o pai demonstrava e salientava por parte dos filhos

Conforme já fora mencionado, a cebola apresenta um ciclo bienal, portanto, no momento em que o plantio é realizado, uma outra seleção era feita, a qual preconizava os bulbos que apresentavam melhores características fenotípicas de acordo com que deveriam selecionadas, visto que há um longo processo denominado vernalização dos bulbos

Dessa forma, do bulbo, emite-se um “pendão” (denominação local para a haste floral), no qual surge uma “cachopa”, ou seja, a umbela, onde estão as inflorescências, umbeletas. A partir do momento em que as umbelas se apresentavam no ponto de colheita, ou seja, sua coloração amarronzada, essas são colhidas e armazenadas em sacos de estopa e são dispostas ao sol para completar a secagem. Posteriormente, essas eram batidas com uma garrafa de vidro, ou um pedaço de pau para que as sementes se soltassem das umbeletas, as quais eram separadas com o auxílio de uma peneira e pelo vento. As sementes eram armazenadas em garrafas e permaneciam nos galpões até o momento do plantio nas sementeiras.

Um outro filho do casal salienta a bagagem cultural que seu Wilson carregava a qual fez com que aplicasse tal conhecimento em suas seleções. *“O pai era muito caprichoso, a casa, os móveis ele fez tudo antes de casar, nos móveis não se enxergava pregos, era tudo encaixado, colado, e os pregos eram escondidos, e esse capricho ele transferiu para a cebola”* (PESQUISA DE CAMPO 2019, Filho 1, Comerciante).

Pode-se constatar pelas falas dos participantes da pesquisa que há um processo de herança cultural, ou evolução cultural, logo, os *memes*, simbolismos, que foram repassados ao cérebro de seu Wilson durante a sua vida, foram por ele aprimorados e repassados a seus filhos. Conforme mostra Dawkins nós podemos repassar duas coisas, nossos genes e nossos *memes*, no entanto, nossos genes poderão ser esquecidos em três gerações, visto que a cada geração nossos genes são divididos pela metade. Os genes podem até ser imortais, mas a coleção de genes

que constitui cada um de nós certamente irá se desintegrar. Contudo, as ideias, os *memes*, podem sobreviver intactos durante muito tempo, um clássico exemplo são os *memes* elaborados e tecidos por Sócrates, Da Vinci, Copérnico entre outros, ainda prosperam. Os *memes* produzidos e elaborados pelos agricultores guardiões de sementes poderão ser mantidos, transmitidos e estarem em processo de evolução se as sementes crioulas estiverem livres e dispostas a ser compartilhadas pelos atores que estão imersos nesse universo. Saliento que, deslocar as sementes crioulas para as gélidas temperaturas dos bancos de germoplasmas é um processo importante, mas não acalentador, visto que obscurece todo o alvorecer de ideias, pensamentos, evoluções que são forjadas por esses atores em seus ambientes.

Logo, o conservar, compartilhar e manter uma semente crioula exige um plantar, cuidar, colher guardar, conservar, atitudes que ocorre nos cotidianos dos agroecossistemas desses atores, os quais tecem múltiplas relações, logo, não é um guardar e conservar em si as sementes crioulas, mas o envolvimento de múltiplos e complexos processos, pensares que ocorrem nesses cotidianos. Em síntese, ocorrem relações de causa e efeito, as quais são intermediadas pelo ambiente e forjadas pelos, saberes, culturas, acepções e ações dos agricultores guardiões.

Fazer o que as “coisas ao se redor exigem” é um dos primeiros passos para inserir-se em uma dada cultura, além disso, muitos “saber fazer as coisas” ocorrem anteriormente ao fato de conseguir explicar conceitualmente o que se está fazendo, conforme aponta Bruner. Portanto, o processo de seleção da variedade crioula de cebola, bem como os atos de plantar, capinar, cuidar, colher são processos e práticas que são exigidos pelos cotidianos desses agricultores. As dinâmicas dos cotidianos inseriram os filhos no seio da comunidade cultural, os ensinaram a selecionar suas variedades de cebolas e posteriormente a explicar o que, como, por que e quando fazer.

A cultura caracteriza-se por ser um conjunto de ferramentas, técnicas, procedimentos que visa compreender o mundo e possibilitar que a espécie, nesse caso a humana possa lidar com ele, bem como, pode ser um modo de lidar, manejar, e superar os problemas humanos. Nesse interim, buscamos em nossos sistemas simbólicos a construção de significados, tais sistemas estão alocados e arraigados na cultura e linguagem dos atores e constituem um *kit de ferramentas* que é comunitário, os quais a partir do momento que passam a ser utilizados imprimem aos usuários um reflexo da comunidade (BRUNER, 2001).

A atitude de guardar e conservar as sementes crioulas está imbricada em uma lógica de provimento de alimento, ou seja, está diretamente relacionada com a sobrevivência da família agricultora, visto que, seu objetivo final é obter alimento. Nesse aspecto assume um pressuposto de/para a sobrevivência, uma vez que é uma atitude em que a decisão é tomada em um momento presente, mas que apresenta reflexos em um ponto futuro (PINHEIRO, 2018).

Logo, a partir do momento em que Seu Wilson decidiu manter, conservar e melhorar geneticamente sua variedade crioula de cebola, ocorreu um processo de efetivação de seu universo simbólico, visto que os símbolos, os *memes* que ele carregava em relação ao que era uma variedade de cebola passaram expressar sua função. Além disso, por meio de sua narrativa, transmite a seus filhos tais simbolismos, ideias, percepções, atitudes e ações relacionadas ao que, por que e como, selecionar, manter e forjar uma variedade de cebola. Tal processo foi capaz de inserir seus filhos no seio da comunidade cultural, preparar os filhos para ser agricultores que poderiam implementar, replicar e aprimorar o processo de melhoramento genético de suas variedades crioulas a partir de suas percepções ou de sua carga de *memes* (ideias).

Mesmo sem saber, Seu Wilson passa a tecer um papel importante, como construtor de sistemas simbólicos em seus filhos, os quais irão dar, posteriormente, significado às ações desses indivíduos. Mesmo sem saber, Seu Wilson inseriu seus filhos não só em um conjunto de convenções e práticas que expressam a comunidade cultural, mas também em formas de exercitar a inteligência de cada um, além disso, gestou tais convenções e o compartilhamento dessas.

Conclusões

Os agricultores guardiões de sementes estão imersos em uma comunidade cultural, as atitudes de conservar, compartilhar suas sementes expressa-se em atitudes de/para sobrevivência desses atores. Tal questão está inserida em uma lógica de transmissão cultural. Em síntese, há uma “autoridade”, que transmite por meio das narrativas e que são reproduzidas pela imitação, no entanto, tal imitação poderá sofrer mutações que condicionam o processo evolutivo da cultura.

Seu Wilson, mesmo sem saber, gestou o processo evolutivo da cultura, assim como os agricultores guardiões de sementes gestam, conservam e permitem a evolução cultural de uma comunidade, já que nada é estático.

As conversas emergem não só como uma metodologia de pesquisa, mas como uma atitude política, com a finalidade de dar vez e voz a esses importantes atores. Além disso, em uma conversa levamos algo e deixamos algo, ou seja, como esses atores compartilham suas sementes, também algo é compartilhado.

A conservação das sementes crioulas pelos agricultores guardiões de sementes assume uma importância, visto que a semente crioula é o *meme*, portador de significados simbólicos que são compartilhados pelos agricultores quando essa é compartilhada, logo, saberes, modos de fazer, plantar, colher, cuidar, são confrontados, repassados, mutados e evoluídos. Deslocar as sementes desses atores freia tal processo.

Agradecimentos

A memória de Seu Wilson Fontes Pinheiro, que está eternizada em seus filhos e netos e que será repassada por gerações como modelo de guardar, conservar e melhorar as sementes crioulas.

Referências

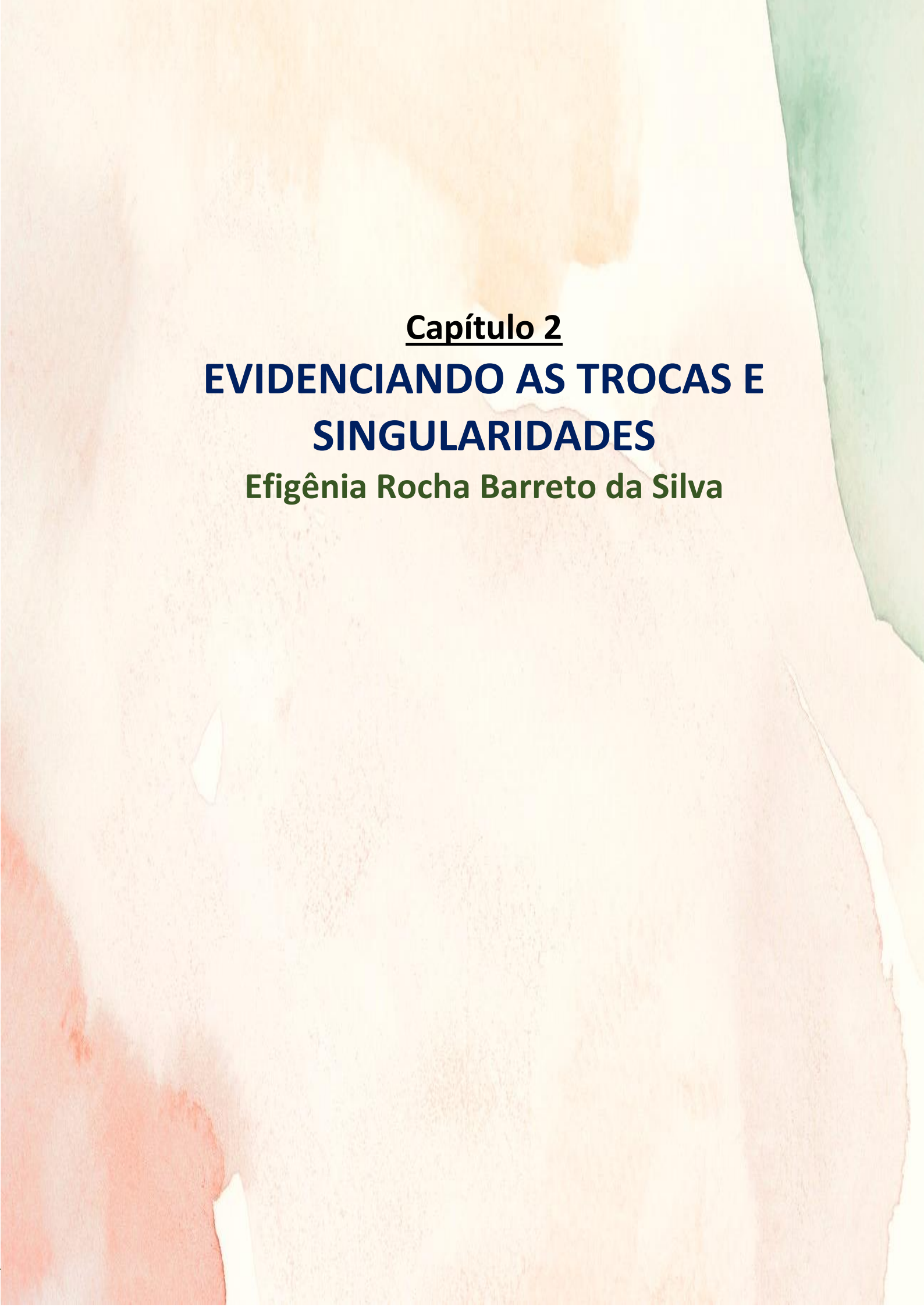
- ALVES, N. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16, Campinas, 2012. **Anais... ENDIPE** didática e práticas de ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, UNICAMP: Campinas: Junqueira & Marin Editores, 2012. p. 26-38.
- BEVILAQUA, G. A. P. et al. Agricultores Guardiões de Sementes e a Ampliação da Agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 31, n. 1, p. 99–118, 2014.
- BRUNER, J. S. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001
- Dawkins, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FERRAÇO, C. E. **Currículo e educação básica**: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2005. 653 p.
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.
- PINHEIRO, R. de A. **Construção de agroecossistemas mais sustentáveis**: atitudes e percepções de famílias agricultoras guardiãs de sementes. 2018. 202 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Agronomia, Fitotecnia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Cap. 1.

PINHEIRO, R. de A.; DEMENECH, F. Tecendo Olhares Em Torno Dos Cotidianos Dos Agricultores "Guardiões De Sementes" Para A Construção Do Conhecimento Agroecológico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 10., 2017, Brasília. **Anais...** Brasília: Cadernos de Agroecologia, 2017. p. 1 – 5.

SERPA, Andréa. Pesquisa com o cotidiano: caminhos da formação da professorapesquisadora. Instrumento: **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 15, n. 2, 2013.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.



Capítulo 2
**EVIDENCIANDO AS TROCAS E
SINGULARIDADES**

Efigênia Rocha Barreto da Silva

EVIDENCIANDO AS TROCAS E SINGULARIDADES

Efigênia Rocha Barreto da Silva³

Graduanda em Geografia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Resumo: Este trabalho tem como objetivo evidenciar as relações de nomeação nas trocas de sementes e mudas nos povoados familiares do Alto da Jurema, no município de São Gabriel, no estado da Bahia. O trabalho evidencia a relativa contribuição dessas trocas no âmbito da agroecologia e para o resgate da biodiversidade. Os pressupostos metodológicos partiram da observação, com pesquisa bibliográfica alinhadas a experiência.

Palavras-chave: Agroecologia. Biodiversidade. Sementes crioulas.

Summary: This work aims to objective to highlight the naming relationships in the exchanges of seeds and seedlings in the family villages of Alto da Jurema, in the municipality of São Gabriel, in the state of Bahia The work highlights the relative contribution of these exchanges in the field of agroecology and to rescue biodiversity. The methodological assumptions were based on observation, with bibliographic research aligned with the experience.

Keywords: Agroecology. Biodiversity. Creole seeds.

Introdução

A agricultura no Brasil e no mundo sofreu uma grande transformação desde a década de 1970, com a introdução de insumos agrícolas, de fertilizantes e principalmente com as sementes melhoradas. Essa modificação se constitui um marco da história mundial. De acordo com Saquet (2017) foi em meio da expansão capitalista e do que viria a ser denominado como agronegócio que surgiu os grandes movimentos no Brasil e fora dele. Em busca de uma agricultura alternativa que refutasse o modelo de agricultura de expropriação de saberes e de agricultores, ocorre a emergência da agroecologia (SAQUET, 2017, p.78).

No bojo da agroecologia se encontram a agricultura familiar que possui um modelo de organização próprio que gira em torno das relações familiares e de

³ Graduanda de Licenciatura Plena em Geografia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Email: efy.geninha@hotmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6588620679745030>

conhecimento estabelecidas com solidariedade entre amigos e compadrios. “Contrariando o modelo patronal, no qual há completa separação entre gestão e trabalho, no modelo familiar estes fatores estão intimamente relacionados” (CARMO, 1999, p.14). O autor remonta a compreensão da agricultura familiar potente e dinâmica de intimidade e conhecimento interno, que possibilita momentos de ajuda e até mesmo contratações para auxílio no manejo.

Este trabalho tem como objetivo evidenciar as formas de articulação e nomeação das sementes e mudas crioulas entre povoados familiares no município de São Gabriel, Bahia. Desde o advento da revolução verde houve muitas transformações no campo e na cidade, uma vez que ocorreu um grande fluxo de êxodo rural, esse processo culmina na saída do agricultor da zona rural para habitar a zona urbana.

São Gabriel é um município de porte pequeno, porém de tamanho razoavelmente extenso, isso o possibilita se estender a vários distritos e povoados, sendo até uns constituindo povoados familiares, que são formados por pessoas de uma mesma família. É comum nestes povoados familiares a prática da agricultura, muitos casos de agricultura de subsistência e alguns podendo se estender a agricultura comercial.

Dentro dessas formas de agricultura, um fator primordial são as sementes ou até mesmo as mudas, que é o enfoque deste trabalho. As sementes desde a revolução verde ocasionou um processo de transição, a partir da disseminação do pacote da revolução verde que consiste em três pilares, que são adubos, fertilizantes e sementes melhoradas, ocorreu um processo de inserção em massa desses produtos no campo, de maneira que o produtor que não utilizassem dos novos produtos, por vezes podiam ser expropriados de suas terras.

A introdução das sementes melhoradas no campo ocorreu ao longo do tempo e das décadas desde o pós-guerra, o que culminou em um processo de esvaziamento do uso de sementes crioulas por diversos setores da agricultura, principalmente da agricultura de racionalidade mercantil, uma vez que a agricultura se transformou de tal forma, que suprimiu a diversidade por apenas um tipo de cultura que monopoliza a lavoura que consistindo a monocultura.

No contraponto das sementes melhoradas, pacote da revolução verde, temos a agroecologia, a alternância, sementes crioulas, sistemas de policultivo muito

dinâmicos, extremamente articulados em produção do bem viver das populações beneficiadas com este sistema, assim como os produtores.

Metodologia

O locus de pesquisa consiste em povoados familiares localizados no Alto da Jurema, no município de São Gabriel, localizado no estado da Bahia. A construção deste trabalho parte da experiência e vivência enquanto pesquisadora e pesquisa, a relação estreita entre a vivência e a realidade aproximada. No entanto para a construção da escrita foram necessários alguns percursos metodológicos como; inicialmente a construção da pergunta de pesquisa que se constitui, Como se dá a relação de trocas e nomeações de sementes crioulas entre os povoados familiares de São Gabriel, Bahia?

Partindo da pergunta norteadora, foram realizadas pesquisas bibliográficas, leituras de artigos, monografias e documentários acerca da temática, posteriormente foram necessárias recorrência a aproximação da vivência, recorrendo a pressupostos metodológicos de observação com a utilização de ferramenta de caderno de campo, conversações de aprofundamento de questões práticas.

Desenvolvimento

A ocorrência das trocas de sementes crioulas é uma prática comum entre agricultores familiares em diversos lugares, a dinâmica e sistematização das ações ocorrem como forma de camaradagem. Para Trindade (2006) a sementes crioulas são aquelas cujo não possui introdução em seu material genético ou mutação, ela é por si só adaptada e referente ao seu lugar de produção.

As mais variadas formas de vida, de relações estabelecidas entre os elementos da natureza, são importantes denotar que compreendemos o homem sendo constituinte da natureza, não como um elemento fora dela. Portanto não podemos compreender hierarquias de racionalidade.

As práticas e singularidades como denominamos é constituinte da identidade cultural. Caporal e Costabeber (2002, p. 78) afirmam.

Os saberes, os conhecimentos e os valores locais das populações rurais precisam ser analisados, compreendidos e utilizados como ponto de partida nos processos de desenvolvimento rural que, por sua vez, devem espelhar a “identidade cultural” das pessoas que vive e trabalham em um dado agroecossistema.

A identidade cultural é compreendida a partir das relações, dos conhecimentos, das singularidades que são específicas das comunidades, povoados, de uma identidade formada a partir da interação e reconhecimento de ações e saberes ancestrais, da consagração de um modo de vida em comum com seus pares, como ocorrem nas populações nos povoados familiares da zona rural, como a enfocada.

Dentro da discussão podemos estabelecer conexão para discutirmos acerca da solidariedade e mesmo reciprocidade que são elementos que atravessam a temática da realidade abarcada na discussão. De maneira que para Saquet (2019, p. 45).

A reciprocidade está diretamente vinculada às relações sociais, as interações cotidianas, sem o necessário conteúdo da colaboração. Porém, acreditamos que sua qualificação humana ocorre justamente quando há solidariedade e cooperação, simultaneamente, ajuda mútua, espontaneidade e confiança mútua.

A solidariedade no sentido das ações elucidadas neste texto conflui com a decisão e a disposição de uma troca valiosa de que são sementes e mudas crioulas, a confiança das trocas e o arcabouço genético de dar e receber, como patrimônio a ser conservada ao mesmo tempo propagada para a autonomia dos produtores em suas produções.

Uma grande singularidade no que se refere às trocas de sementes ou até mesmo de mudas crioulas entre os agricultores constituintes destes povoados, são as nomeações, a principal característica é a nomeação que eleva no momento de troca, de maneira que a semente trocada carregará consigo desde o plantio até a colheita o nome do doador.

Para melhor entendimento, se o agricultor João doa sua semente de milho para o agricultor Pedro, ele receberá, irá cultivar e resguardar a semente, e ainda assim para Pedro e seus familiares a semente de milho será ainda nomeada como milho de João, isso é uma forma de nomeação quase que familiar, em que a semente ou muda carrega consigo um sobrenome, que advém do nome do agricultor que repassou a semente, compreendendo como uma referência a família pertencente. O

que é comum nestas trocas no caso das mudas é a nomeação do doador da muda, que em muitos casos carregará o nome até a completude da existência da árvore, já alguns casos a nomeação se dá batizando por o nome de quem plantou a muda.

Santilli (2012, p.468) afirma “O direito de multiplicar sementes para distribuição, troca ou comercialização é, por sua própria natureza, um direito coletivo dos agricultores e, portanto, nada mais lógico que eles exerçam de forma coletiva.”. Considerando importante e valiosa as formas de produção e reprodução de sementes crioulas por os produtores, sendo este mesmo o fator primordial para as produções futuras e este que é o resgate da biodiversidade.

A valorização, a propagação das ideias e das trocas e todas as suas possibilidades de evidenciar as singularidades dessas práticas é denotado um patrimônio, no qual através do tempo são memoradas as relações estabelecidas prévias e posteriormente as trocas, uma vez que cada elemento fruto desta ação gera um acontecimento a ser lembrado e relatado em forma de história e memória para as futuras gerações.

Dessa maneira Santos (2001, p. 43) “a palavra patrimônio está historicamente associada ou à noção do sagrado, ou à noção de herança, de memória do indivíduo, de bens de família.”. Compreendendo a noção de patrimônio como importância na evidência geracional, a partir do resgate de elementos que constituem um dado momento e são lembradas ao longo de um tempo no presente e futuro. Da mesma forma que é herdada as sementes e mudas, como as produções já inteiradas desse produto.

Principalmente no que tange as mudas de árvores que permeiam o tempo e constituem presença em várias gerações, permiti o remonte das histórias, associações há tempos remotas, há vivências ocorridas envoltas daquela memória e fora dela. Assim como já citado a muda ser participante é uma marca de espaço e tempo.

Vandana Shiva (2003, p. 22) contribui “A forma pela qual esse saber é gerado, estruturado e legitimado e a forma pela qual a natureza e a sociedade geram desigualdades e dominação, e as alternativas são privadas de legitimidade”. A partir da reflexão da autora enfatizamos a colonialidade do saber, no qual não são valorizadas todas as formas de ser, e no qual a diversidade dos saberes é aniquilada, no qual o conhecimento precisa ser linear, sendo as diversas formas de saber invalidadas a todo o momento.

As formas de articulação, de trocas, ou mesmo vendas de sementes crioulas está atrelado à solidariedade, a conservação de material orgânico, que possibilita alimentos diversificados introduzidos ao meio ambiente com o devido respeito ao tempo e aos seres nele presentes. De forma que Shiva (2003) contribui “a destruição da diversidade e a criação da uniformidade envolvem simultaneamente a destruição da estabilidade a criação da vulnerabilidade. No entanto, o saber local concentra-se no uso múltiplo da diversidade.” (SHIVA, 2003, p.66).

O saber local tem como primazia a dinâmica da conservação dos saberes, da articulação comunitária e principalmente o resgate de saberes culturais, que ocasionaram por a erosão genética nos mais variados lugares e de diversas formas desde a Revolução verde. Segundo Toledo e Barrera Bassols (2015 [2008], p. 257).

Reconhecer e recuperar a memória biocultural da humanidade é uma tarefa essencial, necessária, urgente e obrigatória. Isso permitirá a visualização, a construção e a realização de uma modernidade alternativa, de uma modernidade que não destrua a tradição, mas que conviva, coopere e coevolua com ela. (TOLEDO e BARRERA- BASSOLS, 2015 [2008], p.257).

Um advento das trocas de experiências, saberes, sementes e mudas é o resgate da biocultura, que salve e guarde para a reprodução das próximas gerações. Os saberes são localizados, de maneira que cada povo se desloca e o realiza a sua maneira, há saberes que são culturais, de forma que são adaptados pertencentes a aplicação de determinado grupo ou território.

Na obra A natureza do espaço Milton Santos (2006, p. 338-339) explicita sobre a ordem global e local, que permite refletimos acerca.

A ordem global e a ordem local constituem duas situações geneticamente opostas, ainda que em cada uma se verifiquem aspectos da outra. A razão universal é organizacional, a razão local é orgânica. No primeiro caso, prima a informação que, aliás, é sinônimo de organização. No segundo caso, prima a comunicação.

A partir das explicitações do autor, trazemos a reflexão acerca da lógica das trocas de saberes e experiências existentes no local, que é o lugar em São Gabriel, em razão de uma lógica orgânica como cita o autor, a relação é compreendida entre os pares, em que a solidariedade é primada e existente, enquanto no global a solidariedade não é entendida como fundamental ela é ocorrida por as demais demandas do processo.

Considerações finais

De acordo com as explicitações consideramos a contribuição deste trabalho, ao evidenciar as formas de nomeação das trocas de sementes crioulas e mudas nos povoados familiares em São Gabriel, Bahia. É importante ressaltar a validade das atividades desenvolvidas para a recuperação da biodiversidade, sendo assim conservada por os diferentes povos.

Referências

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia. Enfoque científico e estratégico para apoiar o desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2002. p.48.

CARMO, R.B.A. **A Questão Agrária e o Perfil da Agricultura Brasileira** 1999. Disponível em: <<http://www.cria.org.br/gip/gipaf/itens/pub/sob>>. Acesso em: jun. 2001.

SANTILLI, Juliana. A lei de sementes brasileiras e o seus impactos sobre a agrobiodiversidade e ossistemas agrícolas locais e tradicionais. **Boletim Museu Paranaense Emilio Goeldi – Ciências Humanas**, v.7, n.2, p. 457-475, 2012.

SANTOS, Cecilia Rodrigues dos. Novas Fronteiras e Novos Pactos para o patrimônio cultural. São Paulo em Perspectiva [Online], 15(2)/2001. p.43-48 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8576.pdf>>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 9 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. p.1-384.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Consciência de classe e de lugar, práxis e desenvolvimento territorial**. Rio de Janeiro. 1ed. Consequência editora, 2017.

Shiva, V. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

TOLEDO, Victor; BARRERA- BASSOLS, Narciso. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n.20, p.31-45, 2009.

TRINDADE, C. C. **Relação com as comunidades tradicionais. Congresso Nacional do Conpedi, 2006**. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/>

anais/manaus/estado_dir_povos_carina_carreira_trindade.pdf. Acessado: 26 de fev de 2014.

Capítulo 3

**DIVERSIFICAÇÃO, SEMENTES
CRIOULAS E MOVIMENTO DOS
PEQUENOS AGRICULTORES:
ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA
GUARDIÃ DE SEMENTES CRIOULAS
DO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO SUL
- RS**

Evandro de Oliveira Lucas

Marina Augusta Tauil Bernardo

Diulie Fernanda Almansa da Costa

DIVERSIFICAÇÃO, SEMENTES CRIOULAS E MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES: ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA GUARDIÃ DE SEMENTES CRIOULAS DO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO SUL - RS

Diversification, Creole Seeds and the Movimento dos Pequenos Agricultores: report of a guardian family of creole seeds from Paraíso do Sul - RS

Evandro de Oliveira Lucas

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande Sul, Rua Boqueirão, s/n, Interior, General Câmara, CEP: 95.820-000, evandrodeoliveiralucas@gmail.com

Marina Augusta Tauil Bernardo

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria, Rua Saldanha Marinho, 757 - ap. 202, Centro, Cachoeira do Sul, CEP: 96.508-001, marina.atb@gmail.com

Diulie Fernanda Almansa da Costa

Acadêmica do curso de Agronomia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Cachoeira do Sul, Rua General Osório, 2691, Centro, Cachoeira do Sul, CEP: 96.508-081, agrodiulie@gmail.com

Resumo

As sementes crioulas garantem autonomia para a agricultura familiar e fazem parte da história de muitas famílias, persistindo inclusive em ambientes altamente adversos, como propriedades pertencentes ao sistema integrado do tabaco. Através de técnicas de observação direta e aplicação de questionário semiestruturado, foi realizado um estudo de caso, com o objetivo de demonstrar como as sementes crioulas tornaram possível a diversificação à produção de tabaco. O estudo foi realizado em uma família

de produtores de tabaco no município de Paraíso do Sul/RS, participantes de projeto de extensão rural voltado à diversificação produtiva do tabaco, executado por uma organização ligada ao Movimento dos Pequenos Agricultores. Identificou-se no estudo que uma ATER participativa promove constante conscientização nos agricultores e os faz sujeitos no resgate e conservação de variedades crioulas.

Palavras-chave: Transição agroecológica; Agroecologia; Agricultores familiares; Extensão Rural

Abstract

Creole seeds guarantee autonomy for family farming and are part of the history of many families, even persisting in highly adverse environments, such as properties belonging to the integrated tobacco system. Through direct observation techniques and application of a semi-structured questionnaire, a case study was carried out, with the objective of demonstrating how the creole seeds made possible the diversification of tobacco production. The study was carried out in a family of tobacco producers in the municipality of Paraíso do Sul / RS, participants in a rural extension project aimed at the diversification of tobacco production, carried out by an organization linked to the Movimento dos Pequenos Agricultores. It was identified in the study that a participatory ATER promotes constant awareness in farmers and makes them subjects in the rescue and conservation of Creole varieties.

Keywords: Agroecological transition; Agroecology; Family farmers; Rural extension.

Introdução

Em decorrência do processo de modernização da agropecuária ocorrido no Brasil, em meados da década de 1960, a partir da consolidação dos denominados complexos agroindustriais ocorrem transformações socioeconômicas e políticas do meio rural que tendem a padronizar o modo de produção agrícola em sistema agroalimentar destinado a exportação de *commodities*, a partir da introdução e comercialização, de acordo com Shiva (2003), das denominadas “sementes milagrosas”. Com o intuito de aumentar a produtividade agrícola, a denominada modernização da agricultura, impulsionada pela política neoliberal comandada pela oligarquia agrária e pelos novos grupos industriais, impulsiona a descaracterização cultural de pequenos e médios agricultores do ideário brasileiro.

A contar da estrutura montada pelo Estado, com propósito de impulsionar e fortalecer o modelo de desenvolvimento econômico do campo baseado na lógica de mercado, a agricultura tende cada vez mais à busca por produtividade e lucro destinada a atender as demandas do mercado, consolidando o modelo de sistema agroalimentar agroexportador (BEVILAQUA *et al.* 2014). Como resultado, decorre o processo de mercantilização dos recursos naturais, através de construções legislativas que possibilitaram a transformação de sementes em mercadoria e políticas

públicas que impulsionam a introdução de produtos ofertados pelas empresas sementeiras.

A denominada modernização da agricultura só poderia ser possível através de uma intervenção do Estado no espaço agrário, para isso é aplicado o modelo de extensão desenvolvido nos Estados Unidos, com um propósito difundir tecnologias. Segundo Caporal (2006), o serviço de Extensão Rural foi criado para levar ao “povo rural” os conhecimentos capazes de contribuir para a superação de atraso tecnológico, sendo um modelo excludente e concentrador de renda.

Esse modelo de Extensão Rural foi hegemônico por muitos anos, porém nunca foi exclusivo, nos anos 60 ainda Freire publicou o clássico “Extensão ou Comunicação Rural?” apontando que os agricultores e extensionistas sejam estimulados a aprimorar sempre a prática da teorização, a investigar na perspectiva de desvelar o encoberto e a desafiar os limites impostos, em um processo recíproco e dialógico (FREIRE, 1983), contrário ao modelo difusionista desenvolvido por Rogers(1983), na qual o agricultor é categorizado conforme a velocidade em que assimila as inovações levadas pelos extensionistas.

A atuação do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) é marcada pela crítica a esse modelo hegemônico de agricultura, defendendo em seu plano camponês um outro modelo de sociedade, em que a agricultura camponesa defendida pelo Movimento assume um papel central na manutenção da soberania alimentar, hídrica, genética e energética. O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) foi fundado em 1997, quando Estado Rio Grande do Sul enfrentava uma grande seca, de acordo com Görgen (1998) o MPA é formado a partir de um coletivo de grupos de base, com o intuito de construir estratégias articulação e organização do campesinato através da produção de alimentos saudáveis, de acesso à população e que assegurem a segurança alimentar e, de forma mais contundente, a soberania alimentar.

Na região produtora de tabaco no RS o Movimento ficou conhecido pelas lutas organizadas contra a indústria do tabaco, algo que ocorreu com mais força na primeira metade dos anos 2000, já na segunda metade, terá sua atuação orientada pela execução de políticas públicas voltadas a diversificação de seu cultivo, perdendo força as lutas e reivindicações as indústrias de tabaco. Görgen (2017) relata no livro Trincheiras da resistência camponesa um pouco o histórico de lutas do MPA contra a indústria do tabaco, o autor aponta uma situação totalmente desigual da indústria com

o agricultor, e destaca que “as indústrias criam e executam todas as políticas do setor, restando ao agricultor fazer apenas o trabalho pesado, insalubre e perigoso”.

A importância dos projetos propostos pela ATER está no papel pedagógico, com intuito de promover formações aos próprios agricultores familiares a implementar projetos de diversificação para produção de alimentos mais saudáveis, na perspectiva de prática agroecológica, criando oportunidades de geração de renda e de qualidade de vida às famílias. Fator este que, de acordo com Glasenapp (2016, p. 227), “poderia levar a um maior empoderamento destas, fortalecendo tradições e valores humanos que promovam o desenvolvimento humano e maior qualidade de vida”.

Com isso, o objetivo desse estudo de caso é de demonstrar como as sementes crioulas tornaram possível a diversificação à produção de tabaco no município de Paraíso do Sul. E, de forma complementar, apresentar o papel de uma extensão rural dialógica no resgate de sementes crioulas e construção da agroecologia.

Metodologia

Um dos principais motivos para a realização desse estudo está no fato de uma das autoras atuar na extensão rural no município de Paraíso do Sul, portanto ela promove uma necessária conexão entre a ação prática e acadêmica. Fato esse, que permitirá uma reflexão mais profunda sobre como as sementes crioulas existem junto ao sistema integrado do tabaco, e vão aos poucos, junto a agroecologia, promovendo fissuras nesse modelo de produção.

A escolha da família para a realização do estudo ocorreu devido ao fato deles terem começado a cultivar sementes híbridas, porém, após os serviços de ATER retomaram a produção de sementes crioulas, sendo atualmente guardiões e defensores dessas sementes.

Junto isso, foi dado ênfase ao processo de diversificação da cultura do tabaco que vem sendo realizado na propriedade através do projeto diversificar para semear agroecologia, realizado pela Coopsat, além disso, iremos abordar o papel que o tabaco exerce na propriedade, tendo em vista sua manutenção, mesmo com a família sendo identificada com a produção agroecológica.

A metodologia adotada no presente artigo é o estudo de um único caso que, de acordo com Yin (2001, p.32), “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites

entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos” e o aspecto diferenciador do estudo de caso reside ter como fundamento uma investigação empírica ampla, com evidências inseridas dentro do contexto analisado.

Foi realizado um questionário semiestruturado com questões voltadas a compreender o histórico da propriedade e a forma em que aconteceu a aproximação das famílias com as sementes crioulas, mas para além disso utilizamos do referencial de pesquisa-ação, dado o fato de um dos autores desenvolver o trabalho de Ater com essa família na ótica do programa de diversificação da cultura do tabaco.

A pesquisa-ação proposta por Thiollent (1985) propõe que pesquisadores tenham papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Esse método não se constitui apenas pela ação ou investigação, nele é necessário produzir conhecimento, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões levantada. Sendo que do ponto de vista científico, a pesquisa-ação é:

[...] uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação, etc. Com ela se introduz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação completa. (THIOLLENT, 1985, pg. 24).

Brandão e Borges (2007) destacam que as pesquisas participantes, das quais eles consideram a pesquisa-ação, de modo geral, alinham-se em projetos de envolvimento e mútuo compromisso de ações sociais de vocação popular, e alertam que ao realizar um trabalho de partilha na produção social de conhecimentos não significa o direito a pré-ideologizar partidariamente os pressupostos da investigação e a aplicação de seus resultados.

Com base nisso, os resultados apresentados corresponderão a informações coletadas em entrevista, utilizada para entender com mais detalhes o processo histórico da família, e a partir da pesquisa-ação, essa servindo como suporte para a apresentação das transformações observadas na propriedade a partir das ações do MPA.

Resultados e Discussão

Inicialmente cabe realizar um breve histórico da relação que as organizações ligadas ao MPA exercem com o município de Paraíso do Sul, e essa família em questão. No ano de 2013 começou a ser executado no município a chamada pública de Ater para produtores de sementes crioulas da região Sul, sendo esse o primeiro projeto que a família participou executado por uma organização ligada ao MPA, que no caso era o Instituto Cultural Padre Josimo (ICPJ). Essa chamada pública tinha como objetivo fomentar a produção de sementes, projetos de geração de renda e o acesso às políticas públicas, como estratégias para contribuir no fortalecimento da agricultura familiar, possuindo 18 meses de duração. Essa chamada pública foi realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), e atendeu um total de 500 famílias em diversos municípios do RS, entre eles, Paraíso do Sul.

Após essa chamada pública foi executado o Ater Agroecologia, que teve seu início após o encerramento do Ater Sementes, porém foi realizado por outra organização ligada ao MPA, no caso a Cooperativa de Prestação de Serviços e Assistência Técnica e Educação Rural (COOPSAT). Ele teve duração de 3 anos, entre 2014 e 2017, e correspondeu a continuidade do Ater Sementes, pois foi mantida a mesma profissional que atuava no município. Em 2018, com intervalo de aproximadamente 1,5 anos, foi iniciado também pela Coopsat, o ATER para diversificação da cultura do tabaco. Inicialmente teria 26 meses de duração, porém após um processo de repactuação executado pelo governo federal teve um corte de 50% no recurso e sua duração reduzida, com projeção de encerramento para setembro de 2020 no município de Paraíso do Sul. O serviço passou a ser executado por outra profissional, porém se mantendo as discussões acerca das sementes crioulas e agroecologia. Ainda não foram lançadas novas chamadas públicas.

O estudo foi realizado na propriedade da família Pfeifer, que possui uma propriedade de 9,5 hectares, dos quais 4 ha são destinados ao cultivo agrícola e 5,5 ha são áreas de reserva legal. A família é composta por três integrantes, sendo o casal e o filho de 11 anos. Participam de chamadas públicas de ATER desde 2013, ainda no Ater sementes executado pelo ICPJ. Os agricultores destacaram que trabalham com o tabaco há 35 anos, ambos nasceram e viveram em meio a esse cultivo, trabalhando inicialmente com suas famílias. Após casarem, passaram a cultivar na propriedade que possuem, fazendo 21 anos que trabalham juntos no cultivo, nessa

safra vão utilizar 3 ha para o cultivo de tabaco e 1 ha para a produção de alimentos (Fig. 1).

A família é considerada uma liderança na comunidade, e se destaca por produzir e guardar ampla variedade de sementes crioulos, além de estarem constantemente buscando alternativas para uma produção livre de agrotóxicos. Sua experiência tem despertado o interesse de outras famílias, e potencializado a diversificação e replicação de sementes crioulas.

FIGURA 1: Produção de alimento da família.



Fonte: Acervo do autor (2020)

A produção de alimentos para o consumo nunca foi deixada de lado em detrimento do tabaco, porém através das chamadas públicas, tanto do Ater Sementes Crioulas, Agroecologia e da Diversificação da cultura do Tabaco, a família vem aperfeiçoando seu manejo de forma mais ecológica e se aproximando cada vez mais da agroecologia. E, dessa forma, a partir de 2013, às sementes crioulas começaram a ganhar espaço na propriedade a partir do trabalho realizado pelo MPA, por meio dos serviços de ATER realizados. Atualmente já não cultivam mais milho híbrido, e possuem semente de feijão expedito e milho astequinha, além de adubos verdes, como a *crotalaria spectabilis* e o feijão argentino na propriedade.

O casal comenta que em suas famílias, no tempo de solteiros, plantavam sementes crioulas, e a alimentação era basicamente oriunda de produção familiar. A agricultora socializa que antigamente o uso do milho crioulo era para fazer “farinha e a palha ocupava para fazer o colchão”. No entanto, o agricultor destaca que muita coisa mudou a partir do período em que empresas começaram a dominar o mercado de sementes, conforme sua fala:

Antes de aparecer esse híbrido nós só plantava crioulo, mas quando apareceu, o pai quis plantar e aí se perdeu o crioulo. Naquela época de guri a gente plantava nos capoeirão, limpava, colocava fogo e plantava, o grão levava longe a cavalo para fazer farinha. Depois com vinte e poucos anos apareceu os híbridos e, naquela época eu era novo, o pai começou a pegar na prefeitura a semente. Tudo as marcas que chegavam lá, eles diziam que era bom e a gente plantava (AGRICULTOR, 2020).

De acordo com o relato da família, a atuação do MPA foi fundamental para que a agroecologia e as sementes crioulas fossem identificadas como possibilidades reais de transformação da propriedade. E, aos poucos passaram a cultivar essas sementes, alegando ser “melhor de ver os bichos comer, tem mais cor, tem mais vida”, demonstrando que a relação com as sementes envolve mais do que a lógica mercantilizada adotada pela ideologia disseminada pela Revolução Verde (CAPORAL, 2003). Outro fato marcante para a decisão de retomar o cultivo de crioulos destacado pela família foi o preço do transgênico e a venda única dessas sementes: “quando a gente ia comprar milho e só tinha milho transgênico para vender, daí eu decidi: Não compro mais milho!”, impulsionando a família a iniciar o processo de conservar sua própria semente, e junto a ela resgatar sua autonomia.

Subjugadas e marginalizadas dentro da proposta inicial de ATER enraizado no “difusionismo produtivista” (DIAS, 2007), na déc. de 1960, as sementes crioulas foram ressignificadas pelos extensionistas ligados ao MPA que atuam no município e passaram a retomar às propriedades, sendo fundamentais para diversificação da produção do tabaco.

O trabalho de extensão rural realizado foi promovendo constantes trocas de sementes e de saberes (Fig. 2) se transformando em um potente instrumento de autonomia para as famílias de agricultores familiares camponeses que atualmente realizam o intercâmbio por conta própria. Dessa forma, da produção dita como “miudezas” pelos agricultores, que são alimentos, como: feijão, mandioca, abóbora, hortaliças, mandioca, entre outros, passam a ter suas sementes conservadas e são usados para o plantio e troca entre os vizinhos e até mesmo com outras comunidades. Demonstrando satisfação por ter retomado o costume da prática, o agricultor conta que “muitas vezes pegava o milho e dava para o vizinho e dizia: tu produz, mas depois me devolve a semente”.

FIGURA 2: Troca de sementes realizada durante visita técnica.



Fonte: Acervo do autor (2020)

Em Paraíso do Sul, a Pastoral da Juventude Rural (PJR), de acordo com Moura (2016), teve forte atuação com intuito de formar e fortalecer ações com os agricultores familiares, com base nos princípios da agroecologia, destinados principalmente na gestão, produção e comercialização justa e direta de produtos. E, nesse viés, segundo CNBB (1998), a PJR foi o primeiro passo de consciência crítica para uma geração de militantes que aderiram aos movimentos sociais, como ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), relatado pela família em que foi realizado o estudo como fundamental para aumentar a diversificação da propriedade.

A família destaca que aprendeu muitas técnicas a partir das ações realizadas pelas organizações ligadas o MPA, por meio das atividades coletivas (Fig. 3) e visitas desenvolvidas através das chamadas públicas. Foram diversas atividades realizadas, todas elas voltadas a dar maior autonomia aos agricultores, através de atividades práticas, sendo realizadas caldas, como a bordalesa e sulfocálcica, repelentes de cinamomo e mamona; podas em frutíferas; vermicompostagem; discussões sobre utilização de bactérias fixadoras de nitrogênio; preparo de pomadas; reconhecimento de plantas medicinais para humanos e animais; e preparo de geleias, conservas, entre outras receitas que fazem parte do consumo da família.

FIGURA 3: Atividade coletiva proposta pela chamada públicas de ATER Sementes Crioulas.



Fonte: Acervo do autor (2020)

Nesse sentido, é perceptível como o mercado de sementes foi encurralando os agricultores a tal ponto que não viam mais possibilidade de prosseguir com práticas que lhes asseguravam certa autonomia. Em anos difíceis os agricultores ficam reféns dos preços, nesse sentido destaca Danilo: “Imagina o saco do milho transgênico ta 400 pila, e a gente mesmo podendo produzir”. Ainda sobre isso podemos destacar como os transgênicos afastam os agricultores de sua realidade e exercem uma forma de manipulação. E, nesse sentido, Shiva, filósofa, feminista e ativista ambiental indiana, denuncia a ditadura da indústria de alimentos:

[...] há uma ditadura dos alimentos onde um grupo pequeno de grandes incorporações controla toda cadeia produtiva. A produção de sementes transgênicas é uma forma de criar mais controle sobre a produção agrícola, um sistema de produção criado para acabar com a agricultura familiar (SHIVA, 2015, online).

Ademais, família relata com grande preocupação ao futuro: “as sementes crioulas são saudáveis, a gente sabe o que está produzindo, comendo, colocando na mesa. Mas se vai plantar um geneticamente modificado, claro pode ficar ums 50 anos e não dar problemas, mas uma hora dessas vai. Não sei onde vai parar”.

Por derradeiro, outro fator muito interessante é que em períodos difíceis, crises econômicas, sociais e ambientais estas sementes demonstram ainda mais seu protagonismo para emancipação das famílias rurais do sistema opressor que o

capitalismo impõe. Visto que, as sementes crioulas se destacam pela rusticidade, pois em período de extrema seca no RS, como ocorreu nesse ano, poucas famílias, mesmo “aguando” suas lavouras de milho, conseguiram produzir. Entretanto, a família relata que alcançou bom rendimento de milho crioulo e ainda foi possível vender para os vizinhos. De acordo com o agricultor, “o pessoal da região esse ano, produziu bem abaixo, eu colhi ainda 70 % do que poderia dar o milho crioulo, quem plantou o milho transgênico colheu 30 a 40% do que poderia colher”.

Esses anos de assistência técnica e de relação com o MPA foi promovendo mudanças na forma com que a família se relacionada com a sementes, apontados por Danilo que “esses milhos eu fiquei sabendo que existiam através do pessoal do MPA aqui da região”. Nesse momento, o que identificamos é uma família que já produz sua própria semente de milho, mas que também mantém sementes de hortaliças, feijão e até adubos verdes. Da mesma forma, foram se aproximando da agroecologia, deixando de utilizar agrotóxicos nos alimentos que produzem, exceto tabaco, e se aproximando da agroecologia.

Ainda é necessário destacar a necessidade que a política pública de diversificação do tabaco seja continuada e aperfeiçoada, pois assim poderá criar condições para que famílias como essa possam se libertar desse sistema integrador, que gera dependência, e possam caminhar em direção ao desenvolvimento de novos cultivos e geração de renda a partir deles, o que só poderá ser possível com a continuidade dessa assistência técnica dialógica, na qual a agroecologia ocupa um espaço central.

Conclusões

Através desse trabalho, identificamos como as sementes crioulas passaram a ser importantes para essa família, algo que foi possível pela relação construída deles com o Movimento dos Pequenos Agricultores, ocorrida através do serviço de Ater realizado ao longo de 6 anos. Assim, a política pública de Ater foi essencial para que pudessem desenvolver esses cultivos com autonomia, e dessem um importante passo em direção a produção de alimentos saudáveis e diversificação da propriedade, além do impulsionamento ao processo de transição agroecológica da propriedade, como projeto crucial à produção de alimentos que garantam a segurança e soberania alimentar e nutricional.

Também destacamos os impactos causados pelo modo de produção de tabaco nas famílias, sendo essencial a continuidade das políticas públicas de Ater voltadas a diversificação, além disso é urgente a reformulação do Programa Nacional de Diversificação em áreas cultivadas, pois o mesmo atualmente se resume as chamadas públicas de Ater, e essas sofrem grande risco de interrupção pela atual política de governo.

Referências

BEVILAQUA, G. A. P. *et al.* Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. Embrapa Clima Temperado-Artigo em periódico indexado (ALICE), 2014.

BRANDÃO, C.R.; BORGES, M. A.C. pesquisa participante: um momento da educação popular. *Revista de Educação Popular*, v. 6, n. 1, 2008.

CNBB, 1998, p. 41 CNBB, MST et al. UNESCO e UnB. In: Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo. CTE–Centro de Treinamento Educacional de Luziânia-GO. 1998.

CAPORAL, F. R. Superando a revolução verde: a transição agroecológica no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. EMATER/RS-Ascar. Rio Gande do Sul, 2003.

_____. Política Nacional de ATER: primeiros passos de sua implementação e alguns obstáculos e desafios a serem enfrentados. In: TAVARES, J. R.; RAMOS, L. (Org.). Assistência Técnica e Extensão Rural: construindo o conhecimento agroecológico. Manaus: IDAM, 2006. p. 9-34.

DEPONTI, C. M.; SCHNEIDER, S. A extensão rural e a diversificação produtiva da agricultura familiar em áreas de cultivo de tabaco no Rio Grande do Sul: o caso de Dom Feliciano-RS. *Revista IDeAS*, v. 7, n. 2, p. 176-213, 2013.

DIAS, M. M. As mudanças de direcionamento da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) face ao difusionismo. *Revista Oikos*, Viçosa, v. 18, n. 2, p. 11-21, 2007.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

GLASENAPP, S. As instituições na trajetória das transformações produtivas e organizacionais das famílias produtoras de tabaco no Rio Grande do Sul (RS). 2016. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149308/001003234.pdf?sequence=1>

GÖRGEN, S. A. A Resistência dos Pequenos Gigantes. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

GUIMARÃES, A. P. Quatro séculos de latifúndio. São Paulo, Paz e Terra, 1989. 6ª ed.

MOURA, D. de M. A Rede GPR - Grupos de Produção e Resistência organização Política da Juventude Camponesa e Produção Agroecológica. Cadernos de Agroecologia, [S.l.], v. 10, n. 3, may 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/20190>>. Acesso em: 24 aug. 2020.

OLIVEIRA, F. Transgênicos: o direito de saber e a liberdade de escolher – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

ROGERS, E.M. Diffusion of innovations. 3 ed. New York. Rev. ed. of: Communication of innovations. 1983

SANTOS, M. de O. Extensão Rural e Educação Ambiental Um estudo de caso no Município de Paraíso do Sul-RS. UFRRJ. http://www.fsma.edu.br/visoes/ed05/ed05_artigo_8.pdf

SANTOS, R. M. A formação do Movimento dos Pequenos Agricultores–MPA: por soberania alimentar, contra a mercadorização do campo no Brasil/The formation of the Movement of the Small Farmers-SFM: for food sovereignty, against commodification the field in Brazil. Revista Nera, n. 31, p. 10-31, 2016.

SHIVA, V. Monoculturas da Mente: Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

_____. Inimiga nº 1 dos transgênicos, física indiana denuncia ditadura da indústria alimentícia. Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 maio 2015. Entrevista concedida a Tatiane Ribeiro e Toni Sciarretta. Disponível em: <http://aao.org.br/aao/artigos-enoticias.php?id=131&p=&search=&cat_id=&tags=>. Acesso em 10 mar. 2019.

THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social. São Paulo: Polis. 1987.

THOMAZ JÚNIOR, A. Desenvolvimento Destrutivo das Forças Produtivas, a Insustentabilidade do Capital e os Desafios para a Produção de Alimentos. In: THOMAZ JÚNIOR, Antônio. FRANÇA JÚNIOR. Luizomar (Orgs.). Geografia e Trabalho no século XXI. Presidente Prudente, editorial Centelha, 2009, p. 176-216.

VIA CAMPESINA. Plataforma da Via Campesina para Agricultura. 2010. Disponível em: <http://www.mpa.blogspot.com.br>. Acesso em: 23 ago. 2020.

Capítulo 4

**PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS E
SABERES-FAZERES: OS CAMPONESES
GUARDIÕES DE SEMENTES NO
ASSENTAMENTO SÃO JUDAS, RIO
BRILHANTE – MS, BRASIL**

Francieli Aparecida Zenatti

Rodrigo Simão Camacho

PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS E SABERES-FAZERES: OS CAMPONESES GUARDIÕES DE SEMENTES NO ASSENTAMENTO SÃO JUDAS, RIO BRILHANTE – MS, BRASIL

Sustainable Practices and Knowledge-Doings: The Peasants Guardians Of Seeds In The St. Jude Settlement, Rio Brilhante– MS, Brazil.

⁴Francieli Aparecida Zenatti

Mestranda na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade Intercultural Indígena, Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET).

⁵Rodrigo Simão Camacho

Doutor; Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade Intercultural Indígena, Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET).

Resumo

A pesquisa foi realizada no assentamento São Judas, Rio Brilhante-MS, com uma família camponesa que tem como prática tradicional a conservação de sementes crioulas. As sementes são de “milho maisena”, “milho pipoca” e “amendoim”. No desenvolvimento desse trabalho entrevistamos os guardiões de sementes crioulas, observamos suas práticas e fizemos uma discussão teórica sobre a relação entre saberes populares camponeses e sementes crioulas. Os objetivos desta pesquisa foram: entender como ocorre o processo de conservação das sementes crioulas; compreender os desafios que os camponeses enfrentam na atualidade com a hegemonia de transgênicos e agrotóxicos; mostrar a importância das sementes enquanto garantidora da reprodução camponesa e a sua autonomia; e demonstrar a relação entre o modo de vida camponês e a agricultura sustentável. Durante esse trabalho ficou evidente o valor social do conhecimento tradicional/popular camponês para a prática de conservação de sementes crioulas.

Palavras-chave: Campesinato. Saberes Tradicionais. Sementes Crioulas. Práticas Sustentáveis.

⁴ Endereço: Assentamento São Judas, lote 134 rural de Rio Brilhante, MS, Brasil.
Email: franzenati@outlook.com/franzenatti@gmail.com

⁵ Endereço: Rua Claudio Goelzer, 1225 B, Parque Alvorada, Dourados, MS, Brasil.
Email: rogeo@ymail.com/rodrigocamacho@ufgd.edu.br

Abstract

The research was carried out in the São Judas settlement, municipality of Rio Brilhante, MS, with a peasant family that has as traditional practice the conservation of seeds. The seeds preserved and observed in the research are "corn corn", "popcorn" and "peanut". For the development of this work we dialogue dwell with the Creole seed guardians of the São Judas Settlement, and use as references research on seed guardians, traditional knowledge and sustainable practices in peasant communities. The objectives of this research were: to understand how the conservation process of Creole seeds occurs; understand the challenges that peasants face today with the hegemony of transgenics and pesticides; to show the importance of seeds as guarantor of peasant reproduction and their autonomy; and affirm the relevance of preserving the way of life and peasant identity. During this work it became evident the social value of traditional knowledge/pop peasant for the practice of conservation of Creole seeds.

Keywords: *Peasantry. Traditional Knowledge, Creole Seeds. Sustainable Practices.*

Introdução

A investigação tem como recorte espacial o Assentamento São Judas, Rio Brilhante - MS, onde residem desde 2002, os guardiões de sementes que foram os sujeitos de nossa pesquisa. A pesquisa foi motivada pelo objetivo de deixar registrado, de maneira científica, os saberes tradicionais da família Z⁶, que tem como protagonistas os sujeitos, AZ1 e AZ2, um casal que continua preservando a tradição dos guardiões de sementes por meio dos saberes tradicionalmente construídos e, historicamente, transmitido por várias gerações.

Os guardiões de sementes possuem um conhecimento baseado na experiência cotidiana, adquirido de geração em geração. São saberes populares construídos, dialogicamente, com a realidade concreta da família, seus costumes e modo de vida, com uma forte ligação com a terra e com as sementes crioulas. Cultivam a terra com respeito a natureza⁷, de maneira sustentável, criando agroecossistemas com diversidade, ao contrário do modelo hegemônico agrícola baseado no tripé monocultura-transgênicos-agrotóxicos.

Os objetivos da pesquisa foram: entender o processo de como conservar as sementes crioulas; compreender os desafios que os camponeses enfrentam para plantar e colher na atualidade em que se predomina o modelo agrícola baseado no

⁶ Sigla para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

⁷ É como diz a canção: "A gente cultiva ela e ela cultiva a gente". (Zé Pinto, Caminhos Alternativos).

tripé: monocultura-transgênicos-agrotóxicos; mostrar a importância das sementes enquanto garantidora da reprodução camponesa e a sua autonomia; demonstrar a relação intrínseca entre o modo de vida camponês e a reprodução das sementes crioulas.

Atualmente, se faz necessário refletirmos a respeito da preservação, divulgação e reprodução de saberes populares, pois com o avanço do desenvolvimento do capitalismo no campo, muitos saberes tradicionais estão sendo perdidos, dentre eles, àqueles relacionados a sementes crioulas.

Compreendemos a importância de analisarmos a preservação das práticas tradicionais de plantio, colheita e conservação das sementes, além da produção para o autoconsumo da família e a venda do excedente, enquanto mecanismos intrínsecos à reprodução do modo de vida camponês.

Metodologia

Esse trabalho é resultado de uma análise empírica do conhecimento local dos camponeses do Assentamento São Judas em Rio Brilhante – MS, Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas e observação, a fim de registrar as práticas da família Z com relação a conservação de sementes crioulas e a socialização dos saberes populares.

Para o desenvolvimento desse trabalho dialogamos com os guardiões de sementes crioulas do Assentamento São Judas, e usamos como referências, discussões teóricas sobre guardiões de sementes, saberes populares e práticas sustentáveis em comunidades camponesas.

Resultados e Discussões

A Socialização de Saberes-Fazeres Populares Camponeses: Saber de Experiência Feito à Favor de Práticas Sustentáveis

Os guardiões de sementes, geralmente, se apropriam de um conhecimento passado de geração em geração, esse conhecimento é derivado da experiência. Isto porque existem diferentes formas de conhecimento, não apenas

o conhecimento da ciência que apreendemos na educação formal. De acordo com Rolo e Ramos (2012), o conhecimento possui várias concepções, que pode significar apenas uma informação ou uma experiência. O conhecimento dos guardiões de sementes, é um conhecimento prático, adquirido ao longo dos anos, em que se aprende época de plantio, adubação, colheita e formas de armazenar as sementes para o próximo ano. Com isso, podemos dizer que a elaboração do conhecimento é uma “relação aberta”, engajada num campo de sociabilidade/territorialidade. Esses conhecimentos podem ser saberes tradicionais, passados de geração em geração, ou o conhecimento local de uma determinada comunidade ou território. De acordo com Pidner (2010, p.13):

Os saberes locais são constituídos pelas experiências cotidianas dos sujeitos, e, ao mesmo tempo, os sujeitos fundamentam-se nesses saberes para o desenrolar das relações cotidianas. Os saberes não hegemônicos carregam outras imagens, outras visões, novas paisagens, que ultrapassam o conhecimento científico. São significados que remetem à familiaridade, aos laços afetivos, à densidade da vida.

Os camponeses têm uma ligação muito forte com a terra, sabem que precisam cuidar com carinho, alimentar e respeitar o tempo dela, ou caso contrário, não terão um bom alimento, conforme diz Woortmann (1983, p.119-120):

O trabalho do homem é o de preparar a terra e, quando necessário, alimentá-la, fortificá-la com a “vitamina” do adubo. Por sua vez, o trabalho da terra é o de receber as ementes, fazer nascer e crescer a planta, alimentando-a com sua “vitamina”. A terra agradecida retribui o trabalho do homem com uma colheita abundante.

Os camponeses aprendem, desde cedo, preservar as memórias das famílias, os saberes que são passados de geração em geração. Atualmente, esses saberes são muito importantes na preservação do meio ambiente e na produção de alimentos saudáveis, pois o modelo hegemônico baseado na monocultura de transgênicos e no uso dos agrotóxicos tem prejudicando a saúde da população e destruído a natureza, então, essas práticas não hegemônicas são formas de resistência. Como escreve Pidner (2010, p.26): “A preservação dessas memórias do passado não moderno emergiu como um movimento de resistência à destruição causada pela modernidade”.

Hoje, a modernidade-capitalista-industrial-eurocêntrica está a serviço do mercado, diferentemente das práticas tradicionais em que as pessoas aprendem a cultivar a terra para produzir o seu próprio alimento e da sua família. Por isso, é importante desenvolver trabalhos de pesquisa enfatizando os conhecimentos populares, para que esses saberes-fazeres não desapareçam com o tempo. Precisamos fazer com que estas experiências sejam socializadas, para que as práticas sustentáveis, diferentes do que estamos vivendo hoje, sejam conhecidas, valorizadas e reproduzidas. Como diz Pidner (2010, p. 44): “No contexto do mercado, o conhecimento serve ao lucro e, assim, é um artigo de consumo. O próprio conhecimento é transformado em mercadoria está acessível para quem puder pagar por ele”.

Seus princípios são incorporados na prática cotidiana pelos sujeitos, com dedicação e, geralmente, são socializados por meio trabalho por gerações. As crianças crescem observando os familiares executando essas atividades e vão praticando juntos. A construção desse conhecimento demanda tempo, de acordo com Matta (2016), é preciso estar junto para aprender, precisa conviver, estar presente e não apenas realizar uma determinada atividade. Não é algo que aprendemos partindo da teoria, mas sim, das práticas concretas desenvolvidas pelos sujeitos. É o que Paulo Freire denomina de “saber de experiência feito”. Em suas palavras: “Se não é possível defender uma prática educativa que se contente em girar em torno do “senso comum”, também não é possível aceitar uma prática educativa que, zerando o “saber de experiência feito”, parta do conhecimento sistemático do(a) educador(a)”. (FREIRE, 2008, p. 58-59).

Os camponeses cultivam a terra de acordo com o que aprenderam na experiência prática do trabalho familiar desde a infância. Respeitam a terra e sabem que precisam cuidar com afeição para que a terra devolva seu trabalho em alimentos saudáveis. Possuem autonomia em seu trabalho e sabem que, se não desenvolverem um manejo sustentável com a terra, não vão conseguir o alimento necessário para a reprodução material da sua família. Conforme diz Woortmann (1983, p. 123): “Camponeses são como gerentes da natureza pelo trabalho, o que me leva a outra dimensão da ética camponesa”.

Antes da revolução verde, as famílias usavam sementes crioulas com bons resultados de produção, mas por volta do início dos anos de 1980⁸ as empresas começaram a produzir e comercializar as sementes transgênicas, ao adotar este modelo de produção, houve, aos poucos, um processo de escassez das sementes crioulas. Porém, ao contrário do discurso ideológico dominante, o uso de sementes transgênicas não garante aumento de produtividade, e sim, diminuição de mão-de-obra, com isto tende a colaborar com o êxodo rural, como nos explica Camacho:

Ao contrário do que se pensa o uso das sementes transgênicas não está diretamente associado ao aumento da produtividade, mas, sim, a diminuição de custos com mão-de-obra devido à possibilidade de não precisar combater as pragas e as facilidades de semeadura. O resultado disso é a produção de uma agricultura sem agricultores, pois se necessita de menos empregos no campo, elevando-se o êxodo rural e todas as consequências negativas deste processo. Os transgênicos, além de ser uma forma degradante ambientalmente de produção porque gera a erosão genética, também acarretam o desemprego no campo. (2008, p. 64).

Dessa forma, consideramos os saberes-fazeres camponeses, uma forma de resistência que se opõe ao modelo agrário/agrícola dominante, ao mesmo tempo em que garantem a preservação das sementes crioulas e os efeitos positivos desse processo: produção agrícola sustentável e saudável.

As Sementes Crioulas no Assentamento São Judas, Rio Brilhante – MS, Brasil

Se plantar o arroz ali,
se plantar o milho a culá,
um jeito de produzir,
pra gente se alimentar.
Primeiro cantar do galo,
já se levanta da cama,
e o camponês se mistura
a terra que tanto ama.
Amar o campo, ao fazer a plantação,
não envenenar o campo é purificar o pão.
Amar a terra, e nela plantar semente,
a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.

⁸ Dados da ANVISA presentes no documentário: o veneno está na mesa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtQPZB7NmNA&t=112s>>. Acesso em 1 jul. 2019.

A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente⁹.

A pesquisa foi realizada no assentamento São Judas (figura 1), que está localizado no município de Rio Brilhante a sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil. Oriundo de um projeto criado e reconhecido pelo INCRA em 1998, mas os lotes foram divididos em 12 de março de 1999. Contemplou 187 famílias, organizados em lotes com média de 13 hectares cada, formando 11 pequenos grupos. A área destinada ao assentamento São Judas foi desapropriada para atendimento de parte da demanda por terra, uma luta que tem como objetivo a Reforma Agrária (ZENATTI; CAMACHO, 2019).

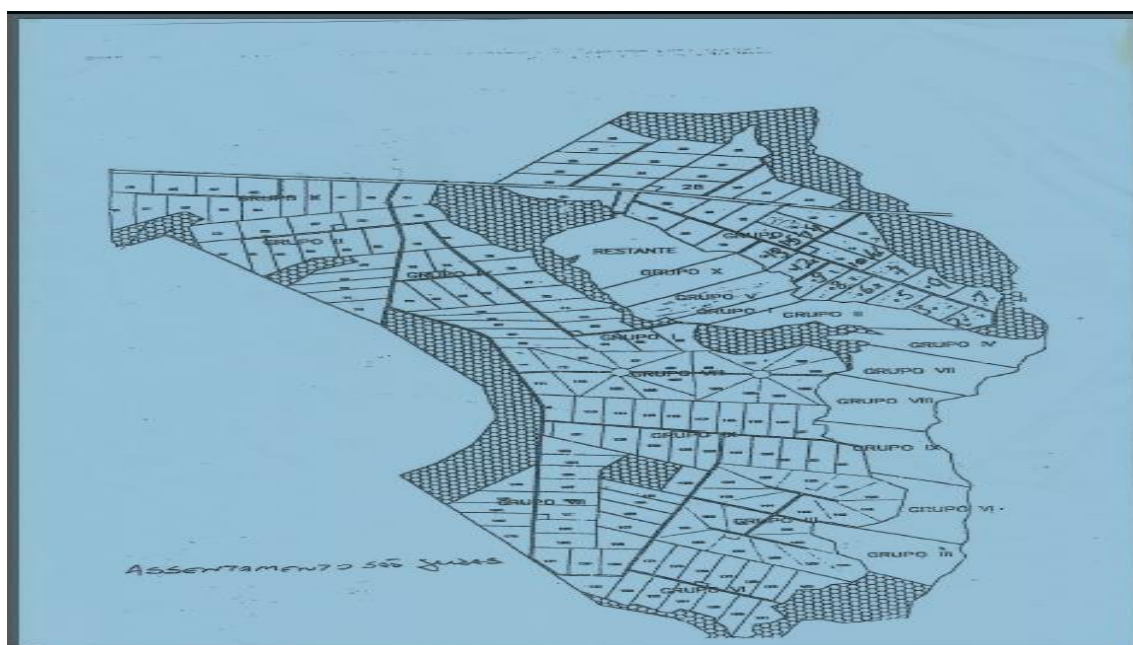


Figura 1: Mapa do Assentamento São Judas

Fonte: INCRA (2019).

Segundo Zenatti e Camacho (2019) o assentamento possui alguns lotes arrendados, mas, em sua maioria, os camponeses produzem para o consumo e para venda do excedente, 60% da renda dos produtores do Assentamento São Judas é proveniente da venda de leite. Além dessa produção principal, os camponeses cultivam pequenas lavouras e criam animais para o consumo e acabam vendendo o excedente. É notória a ligação que possuem com a terra, com a produção por meio

⁹Zé Pinto, Caminhos Alternativos.

da mão de obra familiar, o desejo de criar os filhos no campo e participar do modo de vida da agricultura camponesa.

Vele ressaltar que o modelo de agricultura camponesa no Brasil se firmou a partir de importantes contribuições dos indígenas (HOFFMANN, 2017). De acordo com Carvalho e Costa(2012, p. 28)podemos compreender que a agricultura camponesa é diferente da agricultura capitalista:

As unidades de produção camponesas, ao terem como centralidade a reprodução social dos seus trabalhadores diretos, que são os próprios membros da família, apresentam uma racionalidade distinta daquela das empresas capitalistas, que se baseiam no assalariamento para a obtenção de lucro.

A produção camponesa é feita no território camponês, que no caso de nossa pesquisa são os lotes do assentamento São Judas. De acordo com Fernandes (2012, p.746):

O território camponês é o espaço de vida do camponês. É o *lugar* ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. O *território camponês* é uma unidade de produção familiar e local de residência da família, que muitas vezes, pode ser constituída de mais de uma família. (grifo do autor).

Dentre essas famílias que tem como modo de vida e forma de trabalho a agricultura camponesa, está o Sr. AZ e Sr.^a AZ, que residem e produzem no lote. A produção é bem diversificada, mas o nosso objetivo é aprofundar nos saberes de experiência feita utilizados para o cultivo e conservação de sementes crioulas de “milho maisena”, “milho pipoca”, e “amendoim” (figura 2). Essas variedades são conservadas pela família desde 2002 quando vieram do país vizinho, Paraguai para o Assentamento. No entanto, essas práticas são bem anteriores, foram adquiridas de outras gerações, pois são tradições familiares que carregam histórias e saberes populares.



Figura 2: Sementes conservadas na propriedade da família Z.
Fonte: Autora (2019).

Essas práticas de conservação estão se perdendo ao longo do tempo, e o principal responsável por essa perda é o avanço do agronegócio. De acordo com Hoffmann (2017), a estrutura fundiária do Mato Grosso do Sul está alicerçada na concentração de terras, com grandes latifúndios, e seus pacotes tecnológicos, como agrotóxicos, inseticidas, transgênicos etc., porém, na contra-hegemonia, o pequeno produtor, “[...] mesmo em meio à pressão exercida pelo agronegócio continuam conservando suas variedades tradicionais de milho. Essa conservação está ligada ao percurso de vida dos agricultores que as conservam, apresentando para estes diferentes significados”. (HOFFMANN, 2017, p. 107). Como percebemos nas entrevistas feitas, os guardiões têm uma ligação com as sementes, que é algo mais profundo do que apenas conservar essas sementes, faz parte da sua história familiar.

As pesquisas realizadas nas comunidades de assentamentos e aldeias demonstram que existem vários trabalhos voltados ao resgate de variedades de milho, por exemplo, em diferentes biomas brasileiros. Existe muitas áreas com expressiva variabilidade genética, que depende de ações para o resgate, em particular, para a amostragem de variedades crioulas (EMBRAPA, 2006).

Além da conservação de sementes crioulas, existe também a socialização de saberes tradicionais. Durante a entrevista, a família relatou sua forma de plantio que leva em consideração as fases da lua que, segundo eles, é fundamental para uma boa colheita. O milho e a pipoca devem ser plantados na fase da lua crescente para

a cheia, pois a seiva está distribuída na planta e nos frutos, assim os grãos ficam mais bonitos, com as espigas bem granadas. Na colheita, já perceberam que quando colhem o milho seco na lua minguante, ele fica mais resistente aos “carunchos”¹⁰. O plantio de milho maisena é realizado pela família duas vezes ao ano: setembro e janeiro, pois o milho demora quatro meses para produzir e não pode coincidir com o frio, pois não é resistente a geada. O milho pipoca também pode ser plantado duas vezes ao ano, porém a família planta em setembro ou novembro, o tempo de colheita é de quatro meses.

Com relação a adubação utilizada para o plantio de milho maisena e milho pipoca, varia, às vezes, utilizam cama de frango e, outras vezes, esterco de gado. De acordo com os camponeses, para uma boa produção tem que levar em consideração a seleção das sementes, que são feitas logo após a colheita. Os grãos precisam estar bem secos, umidade baixa; eles selecionam os grãos das espigas mais bonitas e viçosas, descartando os grãos das extremidades e conservando os grãos do meio. Após a seleção, armazenam as sementes em litros de garrafa pet bem fechados (figura 2) para não ter ataque de “carunchos”. As sementes tem um grande significado para as famílias conforme observou Hoffmann (2017, p.83): “Durante a realização desta pesquisa percebe-se que os agricultores envolvidos compreendem a semente como o elemento que inicia e finaliza o ciclo da cultura do milho, referem-se a ela como o centro de todo processo”. Na época certa para o plantio, observam se está na fase da lua adequada (crescente para cheia) e já com a terra e a adubação preparada, realizam o plantio. É importante lembrar que o adubo precisa estar bem curtido. Se for plantar na mesma época o milho maisena e o milho pipoca tem que dar um intervalo de uns 15 a 20 dias para não “castigar” a semente, ou plantam longe um do outro, segundo eles “um de um lado do sítio e outro do outro lado”. Algumas dessas práticas são observadas na dissertação de Hoffmann (2017, p. 81):

O sistema de cultivo tradicional de milho, adotado por agricultores assentados da reforma agrária e agricultores indígenas apresenta como etapas de desenvolvimento: a presença do germoplasma, o preparo do solo, a semeadura, os tratos culturais, o controle fitossanitário, a seleção de material genético para reprodução, a colheita e o encerramento do ciclo

¹⁰Caruncho: é a designação comum a diversos [insetos coleópteros](#) pentâmeros que pertencem à família [Bruchidae](#). Por serem [fitófagos](#), alimentam-se, por exemplo, de [cereais](#) e [feijão](#) armazenados, reduzindo-os a [pó](#), razão por que são considerados insetos [daninhos](#). Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caruncho>>. Acesso em 01 jul.2019.

com o armazenamento do germoplasma para a as safras seguinte. No entanto, esse sistema de cultivo não pode ser descrito como apenas um conjunto de técnicas e práticas agrícolas visando obter melhor produtividade, mas se caracteriza como um conjunto de eventos carregados de significados de ordem ambiental, cultural, social e religiosa. Neste contexto, o ciclo de vida da cultura se mistura com a própria vida das pessoas que a cultivam, permitindo às comunidades camponesas e indígenas a construção de significados e da sua própria identidade.

Sempre de olho na plantação, depois da colheita, uma quantidade fica para a família usar, geralmente, no preparo de farinha de milho maisena, que é muito usado para fazer a “chipa”¹¹. No caso da pipoca, é consumida pela família e vendida o excedente na feira de Rio Brilhante. Não podemos esquecer que o processo de conservação se inicia novamente com a seleção das sementes para o próximo plantio.



Figura 3: Milho e pipoca da propriedade
Fonte: Autora (2019).

Além da semente de milho e pipoca, vamos dar destaque também ao amendoim (figura 4), que é cultivado pela família na propriedade. Para o amendoim, também é preciso selecionar as sementes, porém, nem sempre essa seleção é feita logo após a colheita, geralmente, só o debulharãona época do plantio, que pode ser em setembro ou novembro. Muito importante observar as fases da lua, que precisa estar na mingunte, pois a seiva se concentra nas raízes, por isso, segundo os assentados, tudo que produz em baixo da terra deve ser plantado na lua mingunte. Outra observação importante é sobre a adubação que não é utilizada no plantio, pois se adubar “viça” muito as folhas e não carrega o

¹¹Torta com massa salgada feita de milho e leite.

pé. As sementes são armazenadas em sacos na casca, e debulhadas para o plantio, o restante utilizam para consumo e vendem o excedente na feira de Rio Brilhante - MS.

Segundo os saberes tradicionais, tudo se inicia e termina com a “semente”, que é a vida, o centro do processo, mas para sua reprodução, depende-se do preparo do solo, adubação, observação das fases da lua, época e local de plantio, e por fim, o cuidado com a lavoura, todos esses componentes garantem uma boa colheita com alimentos saudáveis para a família.



Figura 4: Colheita de amendoim
Fonte: Autora (2019).

Questionados sobre o motivo de conservar as sementes crioulas, a Sr.^a AZ diz que: “as sementes compradas são muito diferentes, não dá pra guardar de um ano pra outro, pois não nasce, e essas sementes crioulas dão menos pragas”. Ela diz que isso foi o que aprenderam com a família, e depois, no tempo que residiram no Paraguai, conseguiram algumas sementes com os indígenas e aprenderam muito com eles. Antes, eles guardavam as sementes em garrafão de vinho de vidro, aprenderam com os pais quando ainda eram solteiros, agora guardam em litros descartáveis bem tampados, porque nos litros a semente não “caruncha”, ou seja, não sofre ataque de alguns insetos. Segundo eles, “os indígenas gostam de pendurar na fumaça, que também protege dos carunchos, mas daí precisa espaço em cima do fogão,

preferimos guardar nos litros mesmo”. Como estratégia de reprodução econômica familiar, o Sr. AZ diz que “se a gente vai comprar tudo, não dá pra sobreviver, precisamos plantar e guardar as sementes para o próximo ano” e, além disso, quando guardam e plantam suas sementes, sabem o que estão comendo, “porque hoje é tudo modificado e nada saudável”.

Conclusões

Dessa maneira, a família camponesa conseguiu demonstrar em suas narrativas duas perspectivas importantes. A primeira de que existe uma relação intrínseca entre a conservação das sementes crioulas e o modo de vida camponês, por isso, são considerados guardiões das sementes. A segunda, de que os saberes-fazer populares camponeses são formas de resistência ao modelo agrário-agrícola hegemônico do agronegócio, auxiliando na construção de práticas agrícolas sustentáveis social e ambientalmente.

Durante esse trabalho ficou evidente a importância do conhecimento tradicional/popular na prática de conservação de sementes crioulas. As sementes são conservadas não somente para cumprir a função material do plantio e alimentação da família, mas também porque fazem parte da imaterialidade da tradição familiar que vem sendo passada de geração em geração. Além de conservar as sementes, a família conserva saberes-fazer produzidos na experiência da vida cotidiana que são muito importantes para compreender a melhor maneira de selecionar, armazenar, plantar e colher as sementes.

A família camponesa guarda essas sementes, pois sabem que são mais saudáveis, e tem menos ataques de pragas. Por isso, esta prática tradicional possui, intrinsecamente, uma relação econômica e cultural, pois o camponês não tem pretensão de comprar tudo que consome, por isso, precisam produzir alimentos para o seu autoconsumo e vender o excedente para poder comprar tudo aquilo que não é produzido pela família, logo, as sementes crioulas são estratégicas para a manutenção desse equilíbrio entre produção e consumo familiar, possibilitando a permanência da família no campo.

Referências

- CAMACHO, Simão Rodrigo. **O Ensino da Geografia e a Questão Agrária nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFMS, Aquidauana, 2008.
- CARVALHO, Horácio de Martins. COSTA, Francisco de Assis. Agricultura camponesa. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 26-40.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Território Camponês. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 744-748.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- HOFFMANN, Marta, **Manejo de variedades tradicionais de milho em comunidades de agricultores familiares no Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) - Mestrado Profissional, do Departamento de Agronomia, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual de Maringá. Paraná, 2017.
- MATTA, Priscila. **Modos ameríndios de conhecer as florestas: produção de relações e percepções**. Brasília, UNB (Tese de Doutorado), 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-23032016-153311/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jun. 2019.
- PIDNER, Flora Sousa. **Diálogos entre saberes locais: dificuldades perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. p. 01-145.
- ROLO, Marcio; RAMOS, Marise. Conhecimento. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 149-157.
- TEIXEIRA, Flávia França et al.; VASCONCELOS, José Heitor; NETTO DeaAlécia Martins; ANDRADE, Ramiro Vilela; SANTOS, Manoel Xavier; PADILHA, Liliam. Mapeamento da distribuição geográfica do Milho (zeamays. L) com vistas à conservação de variedades crioulas. **Parentes Silvestres das Espécies de Plantas Cultivadas**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2006.
- TINDLER Silvio. **Documentário o veneno está na mesa**, Trilogia da Terra, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtQPZB7NmNA&t=112s>>. Acesso em: 1 abr. 2020.
- WOORTMANN, Ellen F.O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: GODOI, E.P., MENEZES, M. A., MARIN, R. S. (Orgs.). **Diversidade do**

campesinato: expressões e categorias - estratégias de reprodução social. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p.119 – 130. V. 2.

ZENATTI. Francieli Aparecida; CAMACHO, Rodrigo Simão. A Produção Camponesa no Assentamento de Reforma Agrário São Judas. In: Editora Poisson (Org.) **Agroecologia em foco**. Editora Poisson: Belo Horizonte, 2019.



Biografias
CURRÍCULOS DOS AUTORES

Régis de Araújo Pinheiro

Engenheiro agrônomo, mestre em agronomia pelo Programa de pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar da Universidade Federal de Pelotas, doutorando no mesmo programa e instituição. Pesquisa conservação in situ dos recursos genéticos e com os povos que as mantêm, pesquisa, resgata, valoriza o saber que emerge dos agricultores guardiões de sementes.

Efigênia Rocha Barreto da Silva

Graduanda em licenciatura plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, Campus-IV. Tem experiência na elaboração de mapas temáticos. Atua como Monitora voluntária no Projeto EDUQUI, Educação, identidade e alteridade: educação quilombola em comunidades negras e indígenas. Desenvolve pesquisa na área de Geografia agrária com ênfase em agroecologia, agricultura familiar e lugar.

Evandro de Oliveira Lucas

Engenheiro agrônomo. Mestre em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). Atuou em em projetos de Assistência Técnica e Extensão Rural voltados a diversificação da cultura do tabaco e promoção da agroecologia na região do Vale do Rio Pardo/RS de 2012 a 2019. Atua como pesquisador no Núcleo de Estudos em Agroecologia GAIA Centro-Sul. Contribui em projetos desenvolvidos pelo Movimentos dos Pequenos Agricultores (MPA).

Marina Augusta Tauil Bernardo

Advogada (2012). Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica-SP (2006). Especialista em Direito Civil e Processo Civil pela Universidade Cândido Mendes (2012). Especialista em Agroecologia e Produção Orgânica pela UERGS/SCS (2019). Mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Diulie Fernanda Almansa da Costa

Possui Técnico em Agropecuária pela Escola Estadual Técnica Nossa Senhora da Conceição (2012); Graduanda do curso de Bacharelado em Agronomia, com ênfase em Agroecologia e Agricultura Familiar; Atuou como extensionista através do projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) " ATER Agroecologia" (2015) e ATER diversificação para a cultura do Tabaco (2020) na Região do Vale do Rio Pardo – RS.

Francieli Aparecida Zenatti

Mestranda na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade Intercultural indígena, Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET).

Rodrigo Simão Camacho

Doutor, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade Intercultural Indígena, Programa de Pós Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET).

ISBN 978-65-995169-3-1



Editora
MultiAtual